



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Mestrado em Psicologia

MÁRCIO FLÁVIO AMORIM FRANCO

**PERCEPÇÃO DOS CATADORES DO LIXÃO DO
JANGURUSSU EM FACE DOS RISCOS AMBIENTAIS E
OCUPACIONAIS À SAÚDE**

Fortaleza – Ceará
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MÁRCIO FLÁVIO AMORIM FRANCO

**PERCEPÇÃO DOS CATADORES DO LIXÃO DO
JANGURUSSU EM FACE DOS RISCOS AMBIENTAIS E
OCUPACIONAIS Á SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sylvia Cavalcante

**Fortaleza – CE
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
2007**

F825p Franco, Márcio Flávio Amorim.
Percepção dos catadores do lixão do Jangurussu em face dos riscos ambientais e ocupacionais à saúde / Márcio Flávio Amorim Franco. -
2007.
103 f.
Cópia de computador.
Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2007.
“Orientação : Profa. Dra. Sylvia Cavalcante.”
1. Psicologia ambiental. 2. Psicologia organizacional. I. Título.
CDU 159.9:504



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Mestrado em Psicologia

Dissertação intitulada “*Percepção dos catadores do lixão do Jangurussu em face dos riscos ambientais e ocupacionais à saúde*”, de autoria do mestrando Marcio Flavio Amorim Franco, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Sylvia Cavalcante – UNIFOR – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Regina Heloisa Maciel – UNIFOR

Prof. Dr. João Bosco Feitosa dos Santos – UECE

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 26 de fevereiro de 2007

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José Franco e Maria da Paz , meu infindável amor por todos os sacrifícios que fizeram e pelos valores que me ensinaram, a saber: amor, gratidão, alegria, paz, paciência, humildade e fé.

AGRADECIMENTOS

.....

A Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo, por estarem sempre presentes na minha vida, me guiando e me orientando por caminhos acertados.

Aos meus avós Paulo Memória e Alzira (em memória), pelo modelo ético e de bondade a ser trilhado por todos os familiares.

Aos meus irmãos, Rita, Marisa, Maura, Paulo, Marcos, Aline, Junior e Tiago por me mostrarem que a união é possível, mesmo nas horas mais difíceis.

Às minhas tias Celsa e Deusa, Dolores, Dalva, Rita, Regina e Cristiane, professoras e mestras na arte de servir ao próximo.

Às minhas primas Raquel, Márcia e Marisa, pelo apoio e incentivo para que eu realizasse esse estudo.

A todos os meus(minhas) sobrinhos(as), que certamente encontrarão no meu esforço pessoal um exemplo a ser seguido.

Aos meus amigos Newton, Wilson, Abdias e Wallison por celebrarem a meu lado momentos de alegria e provações.

A Erundina, Geraldo e Ernesto pela amizade e receptividade com que me acolheram em seus lares.

À professora orientadora, doutora Sylvia Cavalcante, pelas proveitosas sugestões e paciência demonstrada.

Ao Governo do Estado de Rondônia, pela licença e oportunidade profissional concedida.

Aos catadores (herdeiros do Reino), pelo exemplo de bravura e combate pela sobrevivência.

Aos alunos(as) a quem ensinei e àqueles(as) a quem ensinarei, pela oportunidade de levar-lhes uma mensagem importante.

A Luta dos Catadores de Lixo do Jangurussu

Marcos Bandeira

Primeiro eu vou falar
me acompanhe caro leitor
do trabalho e do esforço
e demonstrar o valor
desses homens e mulheres
que se chamam catador

Trabalham de sol a sol
ao pino do meio dia
sem ter lanche, sem ter nada
e pouquíssima quantia
eles que não têm força
quase não têm alegria

Não têm plano de saúde
ferramentas nem pensar
a maioria não sabe
o seu nome assinar
e pra aumentar o problema
o salário que não há

E muitos outros problemas
que estão noutros setores
enfrentados com coragem
com amor e sem temores
estas são algumas lutas
dos chamados catadores

A idade não ajuda
alguns não agüentam mais
continuar nessa vida
que eu não quero jamais
e outros são muito jovens
mas acompanham seus pais

Eles não são respeitados
como todo cidadão
pois são discriminados
e taxados de ladrão
não têm atendimento
ou médico de prontidão

Mas vou destacar aqui
as grandes atuações
dos movimentos sérios
e das associações
da participação da igreja
e das mobilizações

Os carroceiros também
não têm boa condição
de trabalho, de saúde
ou mesmo de prevenção
de doenças, de dinheiro
e de alimentação

Eles só querem respeito
e são muito sofredores
não descansam um só minuto
mais são empreendedores
de muitas lutas e sonhos
e se chamam catadores

Eles catam amor
e sua cidadania
catam a dignidade
de trabalhar noite ou dia
catam também esperança
e catam sua alegria

Eles tem expressão forte
mas o rosto é cansado
a pele é meio escura
é devido ao sol pegado
os olhos são meio triste
semblante desfigurado

Mas agora eu vou narrar
o mais triste sofrimento
que enfrenta o catador
fiquem por demais atentos
o poeta fala sobre
a fome sem alimento

Tirar a comida do lixo
bolacha, carne ou pão
batata, cenoura, bife
um pouco de macarrão
o catador procura e chora
com uma dor no coração

Essa triste realidade
digo sem medo de errar
é o maior sofrimento
é o seu maior penar
comer o resto dos restos
sem dinheiro pra comprar

Eu preciso confessar
para você meu amigo
eu não conheço muitos
mas uma coisa lhe digo
é grande o amor à vida
que o catador traz consigo

e falando em amor à vida
e melhores condições
vamos vencer os maiores
com as manifestações
com a igreja, sindicatos
e as associações

Esses grandes movimentos
a igreja que é sagrada
eu não posso me esquecer
ela faz muita zoadá
e as associações
enfrentam qualquer parada

Sem esquecer uma letra
eu lhe digo com certeza
a união faz a força
e a força é a fortaleza
só vamos vencer os grandes
com a união da pobreza

Eu falei de tudo isso
por causa de um aterro
chamado Jangurussu
pois ele metia medo
chamavam a rampa do lixo
o lugar do desespero

Aí o governo do estado
inventou tratamento
para ser dado ao lixo
e a partir desse momento
os catadores perderam
sua fonte de alimento

Mil e quinhentas pessoas
lutavam para viver
é impossível narrar
ou simplesmente dizer
as condições de trabalho
pra eles sobreviver

O desespero era grande
no aterro impiedoso
você parar ali
tinha que ser corajoso
agüentar o mau cheiro
pois o lixo é precioso

Sufrimento do povo
eu não vou narrar
mas eu sei que sem trabalho
ou dinheiro pra ganhar
os catadores não podem
nessa vida continuar

Mas o catador valente
corajoso, destemido
com uma fé fervorosa
eles não serão vencidos
pelo poder do dinheiro
pois nosso Deus está vivo

Estes são os catadores
eles têm honestidade
o seu coração é puro
eles têm dignidade
ainda vivem do lixo
é sua infelicidade

Meu nome Marcos Bandeira
meu estado é o Ceará
Conjunto Palmeira o bairro
sou artista popular
eu não sou um catador
mas com eles eu estou
pra luta continuar

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade descrever as dificuldades de trabalho vivenciadas por um grupo de catadores de lixo aproveitável num lixão situado na malha urbana de Fortaleza, segundo a óptica dessas pessoas. Procura também correlacionar o ambiente de catação com os fatores de risco e danos à saúde relacionados a esse tipo de ocupação. A partir de uma metodologia qualitativa fundamentada na observação livre da atividade e em entrevistas não-estruturadas, os resultados encontrados se mostraram condizentes com os estudos nacionais sobre a temática, evidenciando uma atividade perigosa, insalubre e cansativa, embora muitas vezes, se constitua a única forma de sobrevivência para um grande número de pessoas que não conseguiram ingressar no mercado de trabalho formal. Os dados coletados revelaram ainda que os catadores entrevistados utilizam estratégias defensivas para minimizar e acobertar os riscos presentes no ambiente degradante da catação de lixo, no qual, a partir de um viés otimista procuram diminuir a gravidade desses riscos para poderem dar continuidade à sua rotina de trabalho. Desse modo, a situação vivenciada pelos sujeitos em foco mantém estreita relação com o estado de pobreza que este grupo experimenta em sua comunidade, obrigando-o a sujeitar-se a uma ocupação precária e socialmente estigmatizada em sua luta pela sobrevivência.

Palavras – Chave: Catadores de Lixo; Risco Ambiental; Risco Ocupacional; Condições de Trabalho; Saúde Ocupacional

ABSTRACT

The present study has the aim to describe work difficulties lived by a garbage pickers group situated at the landfill in urban mesh of Fortaleza, according to optic these people. Search also to correlate the garbage collect environment with the risk factors and health damages to this type of occupation. The results found in this study based on qualitative methodology substantiated in the free observation in it activity and not-structured interviews showed a dangerous, unhealthy and tiring activity, so many times, if it constitutes the only form of survival for a great number of persons that did not obtain to enter in the formal labor market. The collected data still revealed that garbage pickers interviewed use defensive strategies to minimize and to cover the risks in the degrading environment of the garbage collect, in which, from an optimist base used to diminish the gravity these risks to give continuity its work routine. In this way, the situation lived by the persons in focus, maintain relation with the poverty state that this group tries in its community, compelling it to subject a precarious occupation and socially stigmatized in its fight for survival.

Key Words: Garbage Pickers; Environmental Risk; Occupational Risk; Working Conditions; Occupational Health

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A PROBLEMÁTICA DO LIXO URBANO	21
3 CONTAMINAÇÃO DO MEIO-AMBIENTE E DA SAÚDE HUMANA A PARTIR DOS LIXÕES	26
4 ITINERANCIA DOS LIXÕES EM FORTALEZA	30
5 PROCESSO HISTÓRICO-EXCLUDENTE DOS CATADORES DE LIXO	34
6 PERIGOS QUE CERCAM OS CATADORES NOS LIXÕES	39
7 PERCEPÇÃO DE RISCO E PSICOLOGIA	42
8 PERCURSO METODOLÓGICO	48
8.1 Referencial teórico-metodológico	48
8.2 Cenário da pesquisa	50
8.3 Participantes do estudo	51
8.4 Operacionalização da coleta de dados	54
8.5 Processo de análise dos dados	57
8.6 Aspectos éticos da pesquisa	58
9 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	59
9.1 Caracterização da rotina de trabalho dos catadores do Jangurussu	61
9.2 Os riscos ocupacionais e ambientais sob a óptica dos catadores	69
9.3 Estratégias de defesa frente aos perigos	77
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	89
APENDICES	93

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E FOTOGRAFIAS

FIG.1: Impacto dos lixões sobre o meio ambiente e à saúde humana.....	29
TAB.1: Aspectos sócio-demográficos dos participantes da pesquisa.....	61
Foto 1: Visão parcial da rampa ou “Lixão do Jangurussu”.....	97
Foto 2: Um dia típico de catação de lixo.....	98
Foto 3: A placa adverte: “Perigo – Risco de acidente - Ato de manobra”.....	98
Foto 4: Catadores arriscam-se ao se aproximarem da máquina compactadora.....	99
Foto 5: Foco de incêndio no lixão.....	99
Foto 6: Dividindo o lixo com os animais.....	100
Foto 7: O uso de roupas sobrepostas ajuda a proteger contra objetos perfurocortantes.....	100
Foto 8: Catadora idosa pronta para “casqueirar” em meio ao lixo.....	101
Foto 9: O ato contínuo de carregar peso excessivo prejudica a saúde dos catadores.....	101

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no campo da Psicologia Organizacional e Ambiental, e tem por finalidade investigar a percepção de riscos ocupacionais e ambientais que podem comprometer a saúde e qualidade de vida dos catadores de um lixão segundo a óptica destes trabalhadores, a partir do contexto da catação no lixão.

Procura focar a análise no ambiente de trabalho de garimpagem de lixo e a percepção dos riscos refletida nos discursos dos trabalhadores, avaliando os diversos elementos conceituais que envolvem a questão, como percepção, ambiente, trabalho e risco.

Abordaremos, portanto, a temática dos riscos à saúde e qualidade de vida destes trabalhadores, situando, nessa conjuntura, o ambiente físico e o processo organizacional que lhe são subjacentes.

O aprofundamento do problema em pauta justificou-se pela necessidade de o pesquisador (a partir da sua experiência no campo educacional como professor e gestor de escola da rede pública estadual, onde desenvolveu diversos projetos pedagógicos voltados à área ambiental, envolvendo lixões, catadores de recicláveis, coleta seletiva e reciclagem de resíduos) responder às seguintes questões operacionais:

- 1)Qual a percepção de risco ocupacional e ambiental à saúde evidenciada pelos catadores a partir da garimpagem de recicláveis no lixão?
- 2)Quais as experiências vividas pelos catadores no enfrentamento dos riscos à sua saúde?

- Que estratégias de defesa são utilizadas pelos catadores a fim de minimizar os riscos em seu ambiente de trabalho?

Como profissional da Educação, sempre tive curiosidade em descobrir como esses trabalhadores enxergam a inter-relação saúde e modo de trabalho, bem como abrigava dúvidas no que concerne à percepção destes quanto ao seu ambiente ocupacional e os riscos nele envolvidos. Tais questionamentos, como já mencionado, surgiram de minha prática educacional relacionada a projetos ambientais envolvendo a problemática do lixo urbano.

Por algum tempo acompanhamos também, através dos meios de comunicação, a criação de um lixão em torno de uma favela próximo ao bairro aonde residíamos. Incomodou-nos o fato de não ver ações do poder público no sentido de mitigar aquela situação.

Despertou-nos a atenção a maneira incauta e despreocupada como os catadores garimpavam em meio ao lixão em busca de materiais aproveitáveis, a despeito dos inúmeros perigos à saúde, comuns em um ambiente tão insalubre como aquele.

Outrora, quando ainda adolescente, impressionou-nos a visita à exposição de quadros do pintor cearense Decartes Gadelha, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), que retratava o dia-dia dos catadores do Lixão do Jangurussu em Fortaleza, e, num período mais recente, as fotos artísticas de Sebastião Salgado acerca do ofício destes trabalhadores mundo afora.

O impacto de algumas reportagens que se referem à exposição de adultos, grávidas e adolescentes vasculhando em meio a rampas de lixo – tais como a série de artigos publicados no Diário do Nordeste, em outubro de 2005 - sobre o contexto da reciclagem de resíduos sólidos no Ceará, de alguma forma, contribuiu para que decidíssemos empreender esta pesquisa.

Uma vez tomada a decisão de investigar a atividade de catação de lixo, deparamo-nos com o seguinte dilema: qual tipo de catador de recicláveis seria o alvo do meu estudo? Os catadores organizados em cooperativas e que trabalhavam em centros de triagem, ou os catadores autônomos que labutavam a céu aberto?

Uma vez que os catadores autônomos não possuem direitos trabalhistas e previdenciários mínimos assegurados pela Constituição, ou mesmo qualquer assistência médica, resolvemos priorizá-los em vez de fazê-lo com os catadores cooperados. Embora admitamos que ambos possuam muitos problemas e riscos em comum, julgamos que os catadores autônomos dos lixões a céu aberto estão mais vulneráveis aos diversos tipos de riscos ocupacionais e ambientais à saúde do que os catadores cooperados.

A revisão de literatura nos confirmou que existe escassez de pesquisas sobre a percepção dos riscos a partir da óptica dos catadores dos lixões, pois os títulos, quando encontrados, não discutem a percepção destes sujeitos quanto às ameaças em seu ambiente de trabalho e que interferem em seu bem-estar.

Para Porto, Juncá, Gonçalves e Filhote (2004), isso decorre do fato de os estudos sobre o risco serem de elevada complexidade e envolverem certos aspectos espinhosos, tais como fazer os informantes relembrem situações de perigos a que se expõem.

Defrontando esta dificuldade e querendo compreender melhor tal realidade, buscamos apoio na literatura sobre a temática envolvida, procurando respostas para todas as nossas indagações.

Este fato proporcionou-nos o diálogo com os mais diversos autores e áreas de conhecimento, entre elas a Epidemiologia (Ferreira e Anjos, 2001; Velloso, Santos e Anjos, 1997), Medicina (Rigotto, 2002) e Sociologia (Abreu, 2001; Juncá, 2001; Santos, 1990).

A importância da realização deste trabalho justifica-se pelo crescente ingresso de populações vulneráveis (mulheres, idosos e adolescentes) no trabalho informal de catação do lixo, apesar do olhar estigmatizante da sociedade, que desprestigia tal ocupação, por associá-la à sujeira e à indigência.

A sua relevância científica pauta-se ainda na necessidade de evidenciar com detalhes a situação de vulnerabilidade ambiental e ocupacional da população-alvo desta investigação, bem como pela possibilidade de alertar e sensibilizar os setores públicos e organizações não-governamentais (ONG's) a promoverem parcerias e/ou ações junto a este grupo, visando ao enfrentamento dos riscos à saúde neste espaço insalubre.

Diante do exposto, resolvemos empreender este estudo, com o objetivo geral de analisar, por meio das falas de um grupo de catadores, a percepção que estes possuíam acerca dos riscos ambientais e ocupacionais a que estavam sujeitos no contexto da garimpagem de lixo.

Por essa via, foram estabelecidos como objetivos específicos: 1) caracterizar a rotina da atividade dos catadores do Lixão do Jangurussu durante um dia integral de trabalho; 2) identificar, segundo as falas dos catadores, se os mesmos relacionam a atividade de catação a ameaças à sua saúde e saber que postura(s) assumem diante de tais riscos; 3) pesquisar se os catadores utilizam estratégias de defesa para minimizar ou negar os riscos que permeiam a sua ocupação e 4) conhecer relatos de prazer e sofrimento relacionados a esta atividade.

Concomitante à pretensão de analisar de que maneira estes indivíduos percepcionavam os riscos ocupacionais e ambientais relacionados à sua atividade, procuramos resgatar a temática do risco segundo a óptica destes informantes, dando-lhes voz ativa como interlocutores privilegiados.

2 A PROBLEMÁTICA DO LIXO URBANO

Atualmente, com a aceleração dos processos de industrialização, urbanização e crescimento demográfico, ocorreu um aumento tanto em quantidade como em diversidade da produção dos resíduos sólidos urbanos que passaram a abrigar, em sua composição, elementos sintéticos e perigosos à saúde em virtude das novas tecnologias incorporadas à vida cotidiana da população. Conseqüentemente, a gestão e a destinação final do lixo passaram a exigir cada vez mais tratamento e meios adequados quanto à sua eliminação ou à sua transformação física (Figueiredo, 1995; Rigotto, 2002).

Na busca de soluções para o problema, várias técnicas para coleta, processamento e disposição final dos resíduos foram criadas ou alteradas, incluindo a criação de aterros controlados, usinas de incineração e compostagem, depósitos de lixo urbano ou lixões (forma mais impactante ao meio ambiente) e a reciclagem, acompanhada ou não da coleta seletiva do lixo, prática apontada pelos ambientalistas como o meio mais viável no aproveitamento concreto dos resíduos produzidos (Lima e Ribeiro, 2000; Calderoni, 1997).

Assim, o processo de realimentação que envolve a questão do lixo tem a sociedade industrial como principal instigadora, já que, submetida aos complexos fenômenos engendrados pela globalização e impulsionados pela indústria da propaganda, gerou, como *ethos* cultural, uma mentalidade de desperdício dos produtos anunciados, sem a preocupação com os desdobramentos e implicações ecológicas posteriores.

De fato, os impactos advindos deste processo incidem principalmente nos aspectos socioambientais, onde o círculo vicioso do consumo/descarte atrelado ao poder econômico da população fomenta uma atitude de extração predatória e de degradação das

reservas naturais, vistas como ilimitadas e inesgotáveis, como se a presente geração fosse a última a usufruir desses benefícios (Rigotto, 2002).

Essa problemática evidencia principalmente preocupações de duas ordens: uma que se relaciona à quantidade de detritos gerados, a destinação final do lixo e as possíveis implicações ambientais, e outra que aponta para uma realidade mais complexa, provocada pelo alto grau de empobrecimento da população, ou seja, a existência de pessoas que sobrevivem da catação de lixo.

Nesse ínterim, o debate acerca da questão do lixo urbano ganha um contorno cada vez mais nítido nos discursos de contestação dos ambientalistas, dos governos e da população civil. Com efeito, o mau gerenciamento do lixo e de sua destinação final, bem como a dependência de pessoas da catação do lixo para sobreviver, têm se constituído num problema de enorme gravidade em nossa sociedade atual.

Especificamente, no que diz respeito ao cenário brasileiro, ainda figuramos muito longe das mudanças estruturais que possam vir a reduzir o volume de resíduos gerados. Na realidade nunca houve uma preocupação séria de estabelecer uma política ampla para o tratamento do lixo urbano, sendo que as poucas e raras experiências bem-sucedidas, geralmente acontecem por iniciativas isoladas e de abrangência limitada, às vezes levando em conta a participação dos diversos agentes sociais, tais como a “população que sobrevive da catação de lixo” (Nunesmaia, 2002, p. 130).

Ao iniciarmos a pesquisa observamos a necessidade de uma análise mais ampla acerca do lixo, pois nos deparamos com uma extensa literatura sobre a temática e com novas terminologias que permitem hoje a diferenciação do termo “lixo” com o termo “material reciclável” ou “resíduo sólido reciclável”, constituindo-se estes em: papel, plástico, vidro, metal. Geralmente quando falamos em lixo nosso pensamento se remete a restos, mau cheiro,

coisas que já não servem mais.

De fato, a forma como o lixo é destinado tem muita relação com a maneira como ele é socialmente encarado. Segundo a visão predominante, o lixo (resíduo) é aquilo que sobra e a que não mais se outorga valor, aquilo que está identificado com a ralé social e carregado de negatividade e periculosidade.

Sob este ângulo, o lixo se transforma numa “presença que enseja uma desejada ausência” como observa Eigenheer (1993). Este intento de afastamento fortemente presente no imaginário social ocorre em função do lixo possuir odor e estética desagradável, além de ser um nicho ideal de agentes contaminadores.

Aproveitando-se dessa visão estreita e por enxergarem o lixo sob uma óptica puramente higienizadora, os administradores públicos capturam esta imagem negativa da população em torno do lixo para assim oferecer falsas soluções por intermédio de medidas paliativas, tais como a sua evacuação nos lixões, que terminam por causar sérios impactos ao meio-ambiente e à saúde humana.

Nesse sentido, Nunesmaia (2002) aponta que o principal entrave ao equacionamento da problemática dos resíduos urbanos, sem desconsiderar a co-responsabilidade dos demais cidadãos, é a falta de coerência na escolhas das diferentes modalidades de gestão por parte dos Governos municipais e a ineficácia na articulação integrada de seus componentes, que agem de forma deficitária ou até mesmo ausente no cumprimento de suas atribuições.

Na prática, observa-se comumente nas cidades do nosso País uma política contínua de evacuação final do lixo em ambientes degradados, geralmente em áreas receptoras situadas em bolsões ou vazios da malha urbana. São exatamente esses ambientes degradados (terrenos baldios, quintais e córregos) que, em face do acúmulo progressivo de

resíduos constituem o embrião dos futuros lixões (Fadini e Fadini, 2001).

De acordo com Lima e Silva, Guerra e Mousinho (1999), o lixão é uma forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos, sem nenhum critério técnico, caracterizado pela descarga do lixo diretamente sobre o solo, sem qualquer tratamento prévio, colocando em risco o meio ambiente e a saúde pública.

Uma definição mais detalhada do que vem a ser os lixões em nossa sociedade moderna, nos é revelado por Buarque (2001, p. 207),

Os lixões são depósitos de lixo existentes nas grandes cidades onde milhares de homens, mulheres e crianças vivem e lutam desesperadamente entre si para encontrar restos que possam comer ou vender. Tanto o lixo como os que delem vivem, nos lixões, são produtos nitidamente originados pela modernidade, cujos consumidores produzem um excesso de lixo.

Para Fadini e Fadini (2001, p. 13) os lixões são “geralmente em sua maioria, locais clandestinos que têm como única vantagem a curto prazo, ser o meio mais barato de todos [de se desfazer dos dejetos urbanos], visto que não demanda por custos, tratamentos ou controle”. É importante salientar que é a periculosidade dos resíduos depositados que determinará se estes locais podem ser ou não caracterizados como áreas de risco

Numa perspectiva puramente sociológica poderíamos acrescentar que por ser um ambiente extremamente hostil, o espaço do lixão chega a revestir-se daquela concepção de “não-lugar”, de “lugar-nenhum”, cogitada por Augé (1994). Para o autor “o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima” (Auge, 1994, p. 53).

A noção de não-lugar também é compartilhada por Benko, citado por Juncá (2001) como um espaço onde não se acham representadas identidade, nem relação, nem história.

Por outro lado, o espaço do lixão pode também ser caracterizado como um lugar onde há “alma demais”, possibilitando trabalho, relações de solidariedade e restituição de identidades perdidas e assim recriando histórias e reinventando-se (Juncá, 2001).

A partir deste viés, Serra e Rodrigues (2002) esclarecem que esses espaços, em função de ficarem menos expostos à visão da população, além de fomentar o acúmulo desordenado de lixo, reforçam a omissão das autoridades em sanar o problema dos resíduos urbanos, como se o ocultamento dos sentidos resultasse na solução da questão.

O mascaramento dessa problemática, no entanto, tem resultado em inúmeras desvantagens, refletidas na contaminação do meio-ambiente e na saúde das populações do seu entorno acompanhados de efeitos adversos, como veremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.

3 CONTAMINAÇÃO DO MEIO-AMBIENTE E DA SAÚDE HUMANA A PARTIR DOS LIXÕES

No que diz respeito à exposição da saúde ambiental e humana aos agentes danosos a partir dos lixões, esta ocorre de duas formas: pelo modo direto, quando há um contato estreito do organismo humano com agentes patogênicos presentes no lixão e pelo modo indireto, por meio da amplificação de algum fator impactante de risco, que age de forma descontrolada sobre o seu entorno.

Direta ou indiretamente, a exposição a agentes danosos à saúde ambiental e humana a partir do lixão ocorre por três vias principais, a saber: ocupacional, ambiental e alimentar.

A via ocupacional particulariza-se pela contaminação dos catadores, que manipulam substâncias e resíduos considerados perigosos sem nenhuma proteção. Embora atinja uma parcela mais reduzida da população, esta via manifesta, portanto, a forma mais agressiva de contaminação (Gonçalves, 2005).

A via ambiental caracteriza-se pela dispersão dos agentes contaminadores pelo ar, advindos da putrefação de restos alimentares e de animais mortos, infestação do chorume¹ nos corpos d'água superficiais ou infiltração no lençol freático em solos permeáveis e pela produção de gás metano ou biogás em virtude da decomposição dos resíduos ou proliferação de bactérias anaeróbias, que, “além de contribuir para o efeito estufa (...) pode criar verdadei-

¹ Chorume - líquido que escoar de locais de disposição do lixo, resultado da umidade presente nos resíduos da água gerado durante a sua decomposição e também das chuvas (Lima e Silva *et al*, P. 1999).

ras bombas” (Lima e Ribeiro, 2000, p. 53). Ao ser emitido sem controle e abafado por novas remessas de lixo, o gás provoca o risco de explosões nos aterros.

Entre alguns dos agentes patogênicos que infestam o ar e os leitos de águas estão aqueles advindos de resíduos químicos e biológicos dos laboratórios de análise e lojas veterinárias, tais como os agrotóxicos e excrementos de humanos e animais que têm o lixão como destino habitual, tornando total a sua vulnerabilidade (Lutzenberger, 2004).

A saúde das comunidades pode também ser afetada pela contaminação da cadeia ecológica local, afetada pela substituição de espécies inofensivas por outras mais danosas e/ou pela proliferação de vetores patogênicos, insetos, microorganismos etc, que contribuem para o desequilíbrio na fauna e na flora, alterando o seu ciclo vital.

Por fim, há a via alimentar, caracterizada pela contaminação dos catadores ou residentes próximos aos lixões em virtude da ingestão de restos de comida encontrados e de certos animais que freqüentam este espaço e se alimentam dos resíduos *in natura* em disputa com os humanos. Esses animais, ao interagirem com a cadeia alimentar poderão transmitir certas doenças, tanto àqueles de sua espécie como ao homem, elo final dessa cadeia (Nunesmaia, 2002).

Assim, um dos principais efeitos deste sistema de degradação ambiental é deixar expostas as populações que trabalham e moram no entorno desses espaços a enormes e desnecessários riscos epidemiológicos, toxicológicos e sociais. Os mais susceptíveis neste caso, são os idosos e as crianças (Ferreira e Anjos, 2001).

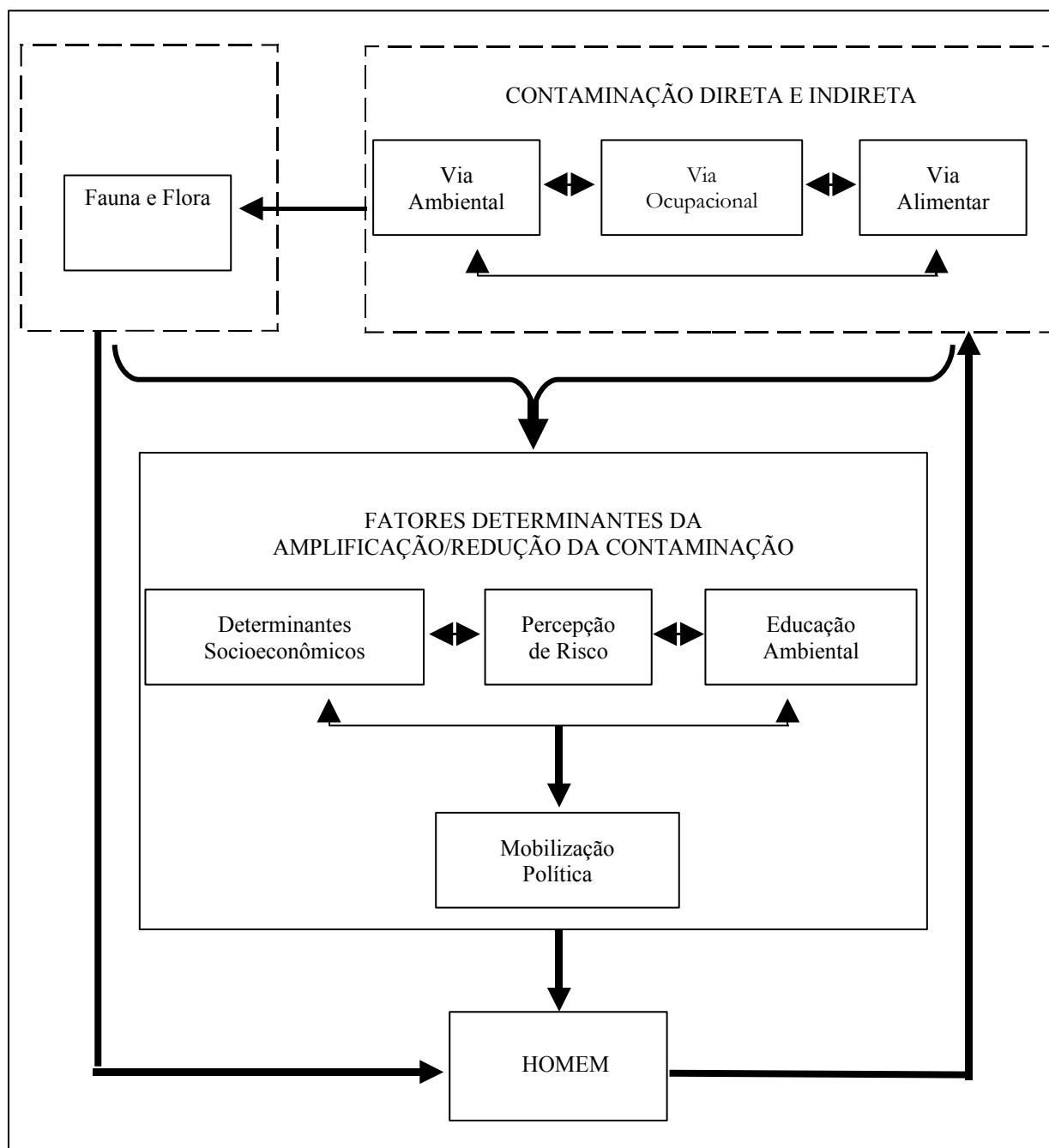
Além disso, os lixões tornam vulnerável a qualidade do meio ambiente e dos territórios que os circundam o lixão, que passam a constituir um habitat ideal para o desenvolvimento de micro e macrovetores patogênicos dentro de um círculo vicioso de contaminação que permeia as relações com o seu entorno.

Alguns fatores determinantes podem, entretanto, contribuir para a amplificação ou redução dos impactos negativos dos lixões tanto para a natureza, quanto ao homem, a saber: determinantes socioeconômicos, percepção de risco e educação das pessoas em relação ao meio-ambiente.

Um maior engajamento ou mobilização política por parte do Poder público, no sentido de agir diretamente nas causas de amplificação desses fatores poderia, também, diminuir consideravelmente esses impactos, tornando o meio ambiente mais saudável.

De maneira resumida, o impacto dos lixões sobre o meio ambiente e à saúde humana pode ser assim esquematizado na figura 1:

Figura 1: Impacto dos lixões sobre o meio ambiente e à saúde humana



4 ITINERANCIA DOS LIXÕES EM FORTALEZA

No registro da memória recente do lixo em Fortaleza nos últimos cinquenta anos podem ser encontradas referências a cinco lixões, que funcionaram em sua maioria na própria malha urbana da Cidade e foram marcados por um caráter de itinerancia, acompanhados pelos catadores que necessitam deles para sobreviver.

Um dos primeiros lixões a funcionar em Fortaleza ficava localizado no bairro conhecido hoje como Monte Castelo, conhecido como o Lixão do João Lopes. A instalação deste lixão coincidiu com a intensificação do consumo na Capital com a chegada de bens importados na década de 50.

O Lixão do João Lopes se tornou insuficiente para receber a crescente demanda de lixo. A solução foi transferir o acúmulo de resíduos para a Barra do Ceará, onde funcionou um lixão de 1961 a 1965. Em seguida, o Buraco da Jia, em 1967, foi o local escolhido para depositar o lixo; ficava situado atrás da fábrica de beneficiamento de castanha Cione, perto da avenida Bezerra de Menezes.

Em seqüência, o lixo passou a ser depositado em um quarto lixão, apelidado na época de “moderno”, que funcionou por quase uma década - entre 1968 e 1977 - e ficava localizado no bairro Henrique Jorge, por trás do canil, na avenida Fernandes Távora. Importante é salientar que este lixão já contava com a presença de caminhões compactadores, semelhantes aos modelos atuais usados na coleta de lixo, daí o nome “moderno”.

Finalmente na década de 1980, com o aumento da população urbana, acelerou-se ainda mais o aumento do consumo e conseqüentemente a produção de resíduos. A falta de planejamento municipal acompanhado de pouco investimento em Educação Ambiental bem

como no congestionamento dos aterros resultou novamente na insuficiência para o atendimento desta demanda, culminando na criação de outro espaço para a destinação final do lixo: o Lixão do Jangurussu.

O Lixão do Jangurussu surgiu nos arredores de Fortaleza-CE em 1978 e foi utilizado para o armazenamento do lixo da Capital e das sedes municipais adjacentes, até que em meados 1998, quando chegou a registrar 500 trabalhadores atuando nessa área, a pressão da comunidade adjacente em luta por melhores condições sanitárias fez com que a Prefeitura Municipal em parceria com o Governo do Estado do Ceará, conseguisse desativá-lo.

Além da questão sanitária propriamente dita, a imagem de uma metrópole com um sistema de disposição de lixo tão rudimentar prejudicava o turismo e alguns investimentos internacionais. O lixão do Jangurussu era também forte empecilho para a construção do aeroporto internacional localizado próximo a região, uma vez que a quantidade de urubus que sobrevoava o lixão podia tornar os pousos e decolagens perigosos.

Algumas providências foram tomadas pela Prefeitura Municipal, desde a sua desativação: a cobertura da área do lixão com terra (o que deu origem a uma montanha com 40 m de altura ao longo de 41 ha), abertura de dutos para escape de metano e a construção de drenos para escoamento do chorume a fim de evitar a contaminação do rio Cocó, que fica nas proximidades do local.

A partir deste momento, o Município inaugurou outra sistemática de disposição de resíduos sólidos, criando um aterro sanitário metropolitano em Caucaia para destinação final do lixo, e, num espaço próximo à área onde ficava o lixão do Jangurussu, criou um complexo, também chamado de Complexo do Jangurussu, para o tratamento e reciclagem do lixo advindo da zona urbana.

O complexo do Jangurussu é composto por uma estação de triagem ou usina de

reciclagem que recebe todo o lixo de Fortaleza que primeiramente passa por este complexo, onde os resíduos recicláveis são separados e prensados em esteiras rolantes para fins de beneficiamento, uma estação de transbordo, e uma unidade de incineração de resíduos hospitalares.

A responsabilidade administrativa do Complexo do Jangurussu ficou a cargo da EMLURB (Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização) que se prontificou em oferecer emprego e organizar os catadores de lixo em sistema de cooperativa para trabalhar na usina de reciclagem deste, intitulada por Cooperativa dos Catadores da Seleção de Materiais Recicláveis (COOSELC).

A simples criação deste complexo, porém, não impediu que surgisse dentro de seu próprio pátio uma “rampa” de lixo conhecida hoje com o mesmo nome “Lixão do Jangurussu”, ou seja, homônimo ao lixão desativado em 1998. Este novo “lixão” emergiu a partir dos resíduos urbanos descarregados pelos caminhões municipais ou de terceiros desde a fundação do complexo e é freqüentado pelos catadores autônomos que não quiseram aderir ao sistema de cooperativismo.

Estes resíduos passaram a ser depositados no pátio deste complexo desde a sua fundação, com o fim de serem separados e posteriormente reciclados pela usina de beneficiamento ali presente. Ocorre que parte dos resíduos que não foram beneficiados pela referida usina de reciclagem e permaneceu naquele pátio ocasionando a formação de uma enorme montanha de lixo que atualmente têm seis metros de altura e o tamanho de uma piscina olímpica.

Desse modo, o esquema municipal para tratamento do lixo urbano funciona da seguinte maneira: os resíduos sólidos urbanos, estimados em mais de 4.000 toneladas ou cerca de 70-80% do total de resíduos produzidos pela população da Grande Fortaleza são

primeiramente enviados para este complexo para serem separados e depois comercializados pelos catadores autônomos e pelos cooperados da usina de triagem.

Os resíduos considerados imprestáveis, ou rejeitados após triagem, são retirados de caminhão do complexo e, em seguida, enviados para o aterro sanitário de Caucaia encontrando ali a sua destinação final.

Ressaltamos ainda que a permanência dos catadores autônomos no lixão do Complexo Jangurussu se deve, todavia, a resistência destes trabalhadores em não participar do sistema de cooperativismo estabelecido pela Prefeitura de Fortaleza, em virtude do baixo salário oferecido, pelas vantagens conferidas pelo trabalho autônomo e pela impossibilidade da cooperativa local agregar todo o contingente de catadores na cooperativa local, não lhes restando outra alternativa senão a catação a céu aberto, sob o olhar omissivo do Poder Municipal.

É importante salientar que a itinerância dos lixões nestas últimas cinco décadas resultou em certos empecilhos para os catadores que tiram deles a sua subsistência, tais como o impedimento, por parte da Prefeitura da catação de lixo nestes locais e problemas relacionados ao deslocamento para chegarem até esses espaços (Santos, 1990).

5 PROCESSO HISTÓRICO-EXCLUDENTE DOS CATADORES DE LIXO

Nos bastidores da trama que envolve os detritos e resíduos urbanos, desde a coleta até sua disposição final, encontra-se intrincada rede operacional extra-oficial, de vital importância para a sustentação da dinâmica de escoamento destes detritos: o comparecimento de homens, mulheres e até de crianças ao trabalho de coleta seletiva de recicláveis em lixões (Figueiredo, 1995).

O catador, apesar das condições subumanas do seu ganha-pão é considerado um elo fundamental na triagem e reciclagem dos dejetos urbanos, especialmente nas nações latino-americanas. Segundo Nunesmaia (2002), a presença de catadores em lixões, por si, reflete a existência de um mercado de recicláveis, que movimenta milhões de reais, mas favorece apenas uma fina camada, que lucra com o comércio de reciclagem do lixo, em virtude da superexploração da força de trabalho dos catadores, situados na base desse processo.

Para Santos (1990, p. 6), estes trabalhadores, por atuarem no submundo do mercado de trabalho,

(...) são marginalizados antes, durante e depois do exercício dessas atividades. Antes, porque não as escolhem deliberadamente (...) durante, porque a natureza do trabalho que desenvolvem é repudiada pela sociedade e, por isso sofrem os mais variados tipos de discriminação; e depois, porque o passado profissional que carregam é precedente negativo para ingressarem numa ocupação melhor (...)

A exploração da força de trabalho dos catadores, no entanto, possui raízes históricas, que podem ser achadas na figura do pobre, outrora camponês, nos espaços urbanos

das cidades medievais. Percebidos pela sociedade feudal como um “corpo marginal”, este grupo, em consequência do êxodo rural, teve papel expressivo na criação dessas cidades, embora tenha sido destituído de seus direitos mais elementares. Com a ascensão do capitalismo e da cidade burguesa surgida da Revolução Industrial, passou então a ser considerado “massa sobrando” (Schmitt, 1990).

Para Donegana (1995), no contexto contemporâneo, a presença desse subproletariado foi importante para o desenvolvimento das cidades, permitindo, assim, a realização de construções faraônicas, já que migrava do campo e se oferecia como mão-de-obra barata às grandes empreiteiras.

No cenário neoliberal, este ciclo se perpetua, quando as classes excluídas, em virtude de suas condições materiais de existência em razão direta do inchaço das cidades, são impelidas a se “virar”, reinventando estratégias criativas de sobrevivência e obrigadas a labutar em atividades insalubres e penosas, seguindo um percurso de poucas opções (Bursztyn, 2000).

Paugam (1999) acentua que os indivíduos são perversamente alijados do sistema de consumo moderno, por sofrerem um despojamento dos seus direitos básicos de sobrevivência pelo capital a partir do conceito de desqualificação social.

Ao mesmo tempo, Bauman (2005) assevera que enormes contingentes de seres humanos, destituídos de meios de sobrevivência em seus locais de origem, vagam hoje por um mundo onde já não há mais espaço social para o “refúgio” humano produzido pela sociedade de consumo. Para estas, já não há como fugir, ou como pensar no futuro, pois não há futuro para elas. Assim, um problema alarmante nos Estados modernos é que destino dar a estas pessoas.

Esse movimento de exclusão é caracterizado pela expulsão gradativa destes

indivíduos, de dentro para fora do mercado de trabalho, e, por fim, pela ruptura dos vínculos sociais, quando esses sujeitos saem das malhas de proteção social e deparam-se com situações em grau crescente de marginalidade. Tal processo excludente poderia ser também descrito como o que Dejours (1999) se refere como banalização da injustiça social.

Escorel (1999) expressa que uma parcela considerável destes excluídos é egressa de um contexto familiar cujos integrantes já estavam fragilizados ante o mercado de trabalho, numa realidade de inexistência de políticas públicas de suporte social que apenas piorou sob o contexto neoliberal contemporâneo. Esses sujeitos passam então a percorrer uma trajetória de vulnerabilidade e precariedade até resultar na ruptura dos vínculos sociofamiliares e de cidadania, de acordo com as experiências destruturantes que lhes são impostas e vivenciadas.

Nesse contexto, os catadores dos lixões aparecem como herdeiros natos de um processo histórico que tende a reproduzir a sua condição de excludente.

Historicamente, no cenário europeu e brasileiro, o catador de materiais recicláveis não constitui elemento novo, como aponta Juncá (2001, p. 62),

Certamente que esta não é uma novidade. Em 1857, um poema chamado “O vinho dos trapeiros”, de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade do catador. No Brasil, é a figura do velho ‘garrafeiro’, do começo do século XX, que se expande com o desenvolvimento da sociedade industrial e vai criando novos personagens: o (a) catador(a) de rua (...) de depósitos e aterros, os(as) cooperados(as).

Atualmente, este grupo social não se restringe a uma categoria homogênea, mas, compõe-se de uma diversidade de segmentos com características bem distintas, com identidades e modos de vida diferentes.

Apesar das conceituações conferidas à sua atividade, sua dinâmica ocorre tanto dentro do setor formal como dentro do setor informal da economia, e, apesar de suas

contradições, “a catação em lixão representa uma opção de vida para milhares de brasileiros”. (IPT/CEMPRE, 2000, p. 85).

De acordo com a Pastoral do Povo de Rua (2003), praticamente, são três os tipos de catadores de lixo: os chamados de “formiguinhas” ou catadores de rua que recolhem os detritos diretamente dos logradouros ou dos usuários, podendo ser vistos separando sacos de lixo nas calçadas das cidades com sua inseparável carrocinha; os que trabalham em usinas de triagem, incineração e desidratação e, por fim, os que trabalham nos lixões recolhendo materiais aproveitáveis específicos como alimentos, papel, papelão, alumínio e vidro, diretamente dos lixões e que são consumidos por estes sujeitos ou posteriormente vendidos aos donos de depósitos de lixo. Este último tipo de catador constitui-se no objeto de estudo da nossa pesquisa.

A tarefa principal dos grupos de catadores citados geralmente consiste em abastecer empresas formalmente constituídas, que processam esses materiais para fabricação de outros produtos ou os exportam, objetivando quase sempre à comercialização.

No vocabulário da exclusão, os catadores do lixão configuram aquela massa de desempregados e desamparados que buscam áreas ambientalmente degradadas para delas extrair renda. Nas palavras de Abreu (2001, p. 7), são “miseráveis, semi-analfabetos e, embora marginalizados, não são marginais. São pessoas que trabalham em condições extremamente adversas, num ambiente de alto risco”.

A perspectiva para os catadores, entretanto, não é de todo sombria. Medina (2004) assinala que a catação de lixo pode ser um exemplo perfeito de desenvolvimento sustentável: ocasiona empregos, evita a poluição, conserva os recursos naturais, fornece matérias-primas de baixo custo para a indústria (tornando-a assim mais competitiva) e protege o meio ambiente.

Também é ponto pacífico, o fato de que os catadores em diversas partes da América Latina começam a se organizar para melhorar suas condições de trabalho e alcançar direitos mínimos. Em muitas cidades, eles começam a se reunir em cooperativas e em bolsas (pregões) de resíduos, que lhes permitem coordenar suas atividades com os órgãos sanitários municipais e negociar melhores preços com os representantes dos donos de depósito. (Trigueiro 2005).

O fato, porém, de estarem se organizando e agirem como elementos úteis em termos socioambientais, não os livra da condição de vulnerabilidade e marginalização social a que estão submetidos.

6 PERIGOS QUE CERCAM OS CATADORES NOS LIXÕES

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) do IBGE, no ano de 2002 havia 200 mil catadores vivendo e trabalhando em lixões espalhados em todo o País.

O comum, nestes ambientes, é que os catadores de lixo trabalhem por dinheiro sem contrato ou assistência médica, revelando, portanto, traços semelhantes aos demais grupos excluídos da sociedade brasileira, expondo-se a riscos e “cargas” responsáveis por danos à saúde do trabalhador, que vão desde a sensação indefinida de desconforto e sofrimento mental e/ou físico até a doenças profissionais clássicas e acidentes de trabalho (Laurell e Noriega 1989).

Ademais, este tipo de atividade poderia ser classificada, na visão de Duarte e Vidal (2000), como um modo degradado de trabalho, assinalado por um estado de disfuncionamentos e de contínuos incidentes.

Se há, porém, um consenso entre os que estudam este segmento é o de que estes sujeitos expressam uma situação-limite de sobrevivência. De fato, sua ocupação está entre as mais perigosas e estigmatizadas até hoje conhecidas (Raymundo, Asmus e Barker, 2002).

Entretanto, a vulnerabilidade a que estão expostos esses trabalhadores diretamente envolvidos com os processos de manuseio de resíduos contaminados tem em comum a presença de agentes físicos, químicos e biológicos responsáveis pela transmissão direta e indireta de doenças bem como a precarização do trabalho que freqüentemente resulta em acidentes.

Os mais freqüentes agentes presentes nos resíduos sólidos e nos processos dos sistemas de manuseio do lixo, capazes de interferir na saúde humana e no meio ambiente são de acordo com o estudo realizado por Ferreira e Anjos (2001), os abaixo descritos:

- Agentes físicos: Gases e odores emanados dos resíduos; materiais perfurocortantes tais como vidros, lascas de madeira; objetos pontiagudos; poeiras; ruídos excessivos; exposição ao frio, ao calor, à fumaça e ao monóxido de carbono; posturas forçadas e incômodas;
- Agentes químicos: Líquidos que vazam de pilhas e baterias; óleos e graxas; pesticidas/herbicidas; solventes; tintas; produtos de limpeza; cosméticos; remédios; aerossóis; metais pesados como chumbo, cádmio e mercúrio; pesticidas e herbicidas;
- Agentes biológicos: Microorganismos patogênicos: vírus, bactérias e fungos;

Quanto ao surgimento de acidentes de trabalho nesse tipo de ambiente, estes geralmente ocorrem em decorrência da precarização e falta de condições adequadas de trabalho, traduzidos em ferimentos e perdas de membros por atropelamentos e prensagem em equipamentos de compactação e veículos automotores, além de mordidas de animais (cães, ratos) e picadas de insetos (Ferreira e Anjos, 2001).

Ainda, de acordo com Ferreira e Anjos (2001), a questão estética, nem sempre lembrada, é bastante importante, uma vez que a visão desagradável dos resíduos pode causar desconforto e náusea nesses trabalhadores.

Outro bloco de possibilidades de risco à saúde e qualidade de vida desses catadores refere-se às questões psicossociais. Segundo Gesser e Zeni (2004), a história de vida dos catadores de materiais recicláveis é marcada pela vergonha, humilhação e exclusão social;

sua ocupação é sentida como sendo desqualificada e carente de reconhecimento pela sociedade.

Estigmatizada por diferentes olhares e formas de tratamento, tradicionalmente se identifica à população dos catadores dos lixões como uma “leva de mendigos” e desviantes, por não se encaixarem nas formalidades dos padrões socialmente aceitáveis.

A visão do senso comum é encará-los como aqueles parias que, tais como o lixo, configuram-se em algo a ser segregado, em virtude da sua ocupação ser apontada como esteticamente “suja” pelas normas sociais vigentes.

De acordo com Raymundo *et al* (2002), outro fator psicossocial que não pode ser desprezado ao se estudar esta temática, refere-se ao estresse enfrentado por esses trabalhadores em sua vivência diária de catação, como resultado das tensões a que estão sujeitos a partir dos problemas de sobrevivência e agravos nutricionais advindos da baixa remuneração e do desgaste que a carga de trabalho lhes oferece. Nesse caso, o estresse pode atuar, também, como um agente detonador de causas invisíveis pelos muitos acidentes de trabalho que ocorrem nesse tipo de ambiente.

7 PERCEPÇÃO DE RISCO E PSICOLOGIA

A questão do risco em si, assim como a linguagem própria em torno deste tema, circula em diferentes áreas do conhecimento, em setores como saúde, esportes, economia, lazer etc. Para tanto, o conceito de risco, além de ser bastante complexo e abordado sob diferentes paradigmas, não encontra fronteiras ou limites disciplinares (Marandola e Hogan, 2004).

Na perspectiva de Spink (2001), o estudo sobre o risco é muito importante na compreensão da sociedade, na medida em que possibilita um fértil campo de pesquisa sobre o poder político, o gerenciamento dos espaços e, sobre as transformações que vem ocorrendo no modo como as pessoas se posicionam em suas relações sociais.

Para Lieber e Romano-Lieber (2002), o conceito científico de “risco” geralmente é discutido de acordo com a lógica da previsibilidade do potencial de perdas e danos. Esta conceituação, porém, sofre variações a partir do referencial teórico a que este esteja subordinada, percorrendo uma escala que vai desde a perspectiva objetivista, sob um ângulo mais quantitativo, até um construcionismo social de natureza mais qualitativa.

Segundo Porto (2000, p.8), o risco, de maneira genérica, pode ser entendido como,

toda e qualquer possibilidade de que algum elemento ou circunstancia existente num dado processo e ambiente de trabalho possa causar dano à saúde, seja através de acidentes, doenças ou do sofrimento dos trabalhadores, ou ainda através da poluição ambiental.

Outro conceito válido em Ciências Sociais é oferecido por Castiel (2003, p. 83), para quem “o risco se constitui em uma forma presente de descrever o futuro sob o pressuposto de que se pode decidir qual o futuro desejável”. Com efeito, tal conceito é precioso, uma vez que enxerga o risco não apenas como algo exterior, mas o vincula ao campo da subjetividade do sujeito, possibilitando a esse mesmo sujeito tomar decisões que podem modificar situações, eventos ou mesmo o ambiente no qual está inserido.

O campo da Psicologia, mas especificamente o terreno da Psicologia Ambiental em diálogo com outras disciplinas, em especial com a Psicologia Social, também contribui para este debate, ao propor a abordagem do risco a partir da perspectiva da inter-relação pessoa-ambiente. Nesse contexto, a Psicologia pode e deve ser uma disciplina que se ocupe dessa realidade.

Como nos alerta Pinheiro (2003, p. 302), o fenômeno psicológico não pode ser compreendido como produção estranhamente “psíquica”, distanciada das relações sociais e ambientais com as quais nós elaboramos nossa existência. Para esse autor toda Psicologia “é de certo modo, forçosamente ambiental”.

Assim, a contribuição maior da Psicologia Ambiental nessa questão é possibilitar maior compreensão ao “cidadão comum, perplexo e inseguro diante de um desenvolvimento científico e tecnológico intenso e alucinante, que modifica substancialmente a paisagem dos assentamentos humanos”. (Pinheiro, 2003, p. 302).

Outra contribuição importante da Psicologia Ambiental é a noção de risco ambiental, que, ao ser trazida para o campo perceptual, é definido por Burillo e Arragonés (1991, p. 61) como,

(...) una percepción compleja, que excede con mucho el puro aprendizaje de probabilidad, puesto que, además de la probabilidad de que se actualicen determinados riesgos, intervienen en aquellos datos cognitivos acerca de la

fuelle del riesgo, datos espaciotemporales y un cúmulo de factores personales, de experiencias y motivación.

Para Lima e Silva *et al.* (1999, p. 203), o risco ambiental é entendido como “o evento ou seqüência de eventos de ocorrência anormal, que resulta em conseqüências indesejadas ou algum tipo de perda, dano ou prejuízo pessoal, ambiental ou patrimonial” dentro de um determinado contexto.

Nesse sentido, os contextos de risco podem ser definidos como aqueles em que estão presentes todos os elementos materiais que constituem o risco, mais um determinado nível de desorganização do ambiente e/ou da atividade (Duarte e Vidal, 2000).

Os riscos ambientais decorrentes da ação humana constituem um aspecto da complexa interação das pessoas com o meio ambiente. Nesse sentido, o conhecimento desses riscos está diretamente associado às reações que envolvem a percepção dos indivíduos e as suas experiências e vinculações com seu espaço de vida.

Para Pinheiro (2003), o conhecimento acerca do ambiente está carregado de experiências e visões do mundo vivido, fundamentais para se conhecer o significado da percepção e dos valores, pois os indivíduos constroem seu espaço perceptivo por meio do contato direto e íntimo com a paisagem vivida.

Com relação aos riscos no trabalho, comumente chamados de riscos ocupacionais, estes têm ocupado um espaço cativo nas discussões a respeito da saúde e segurança dos trabalhadores, sendo abordados por uma diversidade de enfoques teóricos, alguns especialmente tecnicistas e outros que adotam uma perspectiva que privilegia os aspectos sociais.

Cada um desses enfoques atribui uma importância diferente para a posição dos trabalhadores em relação aos riscos, mas, em ambos, os agravos à saúde ocupam, quase

sempre, lugar de destaque em detrimento à percepção de risco por parte dos trabalhadores, que, em muitos casos, não tem a sua subjetividade levada em conta.

Sejam os riscos de carácter ambiental ou ocupacional ou mesmo de qualquer outra natureza, para Navarro e Cardoso (2005, p. 26), os processos subjetivos devem ser considerados quando se busca compreender o enfrentamento ou não das situações de risco por determinadas pessoas. Para as autoras, a percepção de risco depende de uma multiplicidade de fatores, como o contexto e a inserção da pessoa em um determinado evento (cotidiano ou esporádico), da função ocupada em determinado espaço social, dos aspectos culturais, da personalidade, da história de vida, das características pessoais e da pressão e/ou demandas do ambiente.

Originalmente, os estudos de percepção de risco, como disciplina cientificamente organizada, surge justamente da relação dialógica entre a recente Psicologia Ambiental com a Psicologia Social a partir dos estudos de Slovic, Fischhoff e Lichtenstein (1980), sobre a forma como as pessoas percebiam os riscos advindos do acidente nuclear de Three Miles Island (desastre radioativo um pouco menor que Chernobyl) ocorrido em 1979 e sobre as estratégias que desenvolveram para viverem lá.

Assim, o surgimento desta área deu-se justamente pela necessidade de entender os contrapontos entre a percepção dos especialistas técnicos (da área de avaliação de risco) e as reações negativas do público “leigo”.

Fazendo uma diferenciação mais apurada entre percepção de risco e avaliação de risco, Lima (2005, p. 203) explica que “risco percebido e percepção de risco referem-se à perspectiva dos leigos sobre os riscos e que é estudada pelas ciências sociais, enquanto que o risco objectivo e a avaliação de risco (...) são estudadas pelas ciências naturais”, cujos resultados são diferentes daqueles da percepção de risco. Para ela, a objetividade imposta pela

avaliação de risco aos indicadores geralmente compromete o valor do processo cognitivo que elabora a percepção de risco.

Navarro e Cardoso (2005, p. 2), contudo, referem-se à percepção de risco como um fenômeno

(...) que se processa com a concorrência da autopercepção que por sua vez está integrada a um determinado contexto coletivo que abrange a perspectiva comportamental, associada também aos fatores pessoais relacionados à capacidade de formulação cognitiva, aos aspectos afetivos e biológicos e as possibilidades de leitura e interação com o ambiente externo.

Similarmente, a percepção de risco é vista por Lima (2005, p. 203) como a “forma que os não especialistas (referidos freqüentemente como leigos ou público) pensam sobre o risco e refere-se à avaliação subjetiva do grau de ameaça potencial de um determinado acontecimento ou actividade”, envolvendo sempre uma fonte de risco, uma dimensão de incerteza e uma avaliação do valor das perdas potenciais.

Dessa forma, a subjetividade tem um papel vital no entendimento da percepção de risco pelos indivíduos, uma vez que estes sentimentos são constituídos por fantasias individuais sobre os perigos apresentados pela realidade. Diferente da visão técnica, a maioria das pessoas comuns avalia o risco, conforme as situações de ameaça e com o nível de informação disponível sobre controle e o grau de importância dada ao risco.

Nesse aspecto, o site da Organização Panamericana de Saúde (OPAS, 2005, p. 1) explana que “o público julga o risco a partir de uma série de fatores psicológicos, sociais, institucionais e culturais (...) além do que vários estudos de Antropologia e Sociologia mostram que a percepção do risco tem suas raízes em fatores culturais e sociais”.

Esta habilidade de julgar o risco varia de uma vaga opinião a uma firme convicção. Nesse caso, a percepção do perigo é fruto da associação de todos esses

determinantes com o ambiente onde os sujeitos se encontram.

Este pensamento coaduna-se com o de Peres (2002), ao ressaltar que os estudos de percepção de risco estão baseados nas crenças, visões, sensações e interpretações da população/indivíduo com o risco. Ademais, para ele, “os riscos tecnológicos/ambientais, mais do que entidades físicas que existem independentes dos seres humanos que os analisam e vivenciaram, são processos de construção social”. (p.38).

Assim, uma vez que se avoluma o cabedal de conhecimentos científicos, na área da percepção de risco, especialmente resultantes de pesquisas de abordagem psicossocial, suas referências são cada vez mais utilizadas como instrumentos de ações/intervenções no campo da saúde e ambiente, sobretudo no delineamento de estratégias de comunicações de riscos, tais como campanhas informativas/de esclarecimento, assessoria técnica, curso de formação e treinamento etc (Peres, 2002).

Nesse aspecto, partindo das referências teórico-metodológicas da área da percepção de risco, o que realmente visamos nesta dissertação não foi um entendimento global da problemática que envolve os catadores do Lixão do Jangurussu, mas sim, compreender um recorte específico de sua realidade a partir de um processo de investigação que incluiu observação do seu trabalho.

O que queríamos saber era como alguns catadores percepcionavam os riscos ocupacionais e ambientais a saúde com os quais se defrontavam diariamente durante a atividade de catação de lixo, levando em conta as experiências vivenciadas no enfrentamento desses riscos.

8 PERCURSO METODOLÓGICO

8.1 Referencial teórico-metodológico

No intuito de descobrir a complexidade da percepção de risco dos catadores e as relações com o contexto na qual esta é produzida, utilizamos uma metodologia caracteristicamente qualitativa como forma de captar o ponto de vista e o imaginário (representações) dos catadores sobre as várias possibilidades de risco experimentado por esse grupo no ambiente do lixão durante o desenvolvimento de sua atividade.

Como bem assinala Minayo (1994), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (p. 21). Nesse sentido, buscamos apreender de que forma a percepção de risco dos catadores estava relacionada com a sua subjetividade.

Para Bauer, Gaskell e Allum (2002), a pesquisa social baseia-se “em dados sociais sobre o mundo social que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação nos modos formais e informais”. (p. 21). Por essa via, os autores acrescentam que “na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros”. (p.22).

Na verdade, a complexidade da construção da percepção acha-se num movimento dinâmico de relação entre o que os sujeitos pensam (o modelo cognitivo) e o contexto (base

material) da vida laboral e ambiental. Na medida em que as representações “se reproduzem e se modificam a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos”, apresentam “elementos tanto da dominação como da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo”. (Minayo, 1994, p. 174).

É relevante salientar que, nos últimos tempos, houve uma mudança paradigmática na práxis da pesquisa social, especificamente no que diz respeito à relação que envolve o pesquisador e os participantes, uma vez que, outrora, os grupos que monopolizavam o saber (e, conseqüentemente, o poder) não obstante, ditavam o objeto e a maneira como deveria ser pesquisado, em conveniência com seus interesses de dominação, de forma que os grupos investigados eram contraditoriamente conduzidos como simples elementos de um estudo feito “sobre” eles e não “com” eles (Barbier, 2004).

Contemporaneamente, abre-se espaço para novas formas de entendimento da realidade social. O papel do investigador reveste-se agora de um novo posicionamento, seja na observação crítica, como na participação ativa em relação ao seu objeto de pesquisa, contribuindo assim para propósitos de maior interesse das populações pesquisadas.

Nesse sentido, uma metodologia em Ciências Sociais deve levar em conta a subjetividade dos participantes envolvidos, sem se esquecer de que a gênese de conhecimentos é continuamente mediada pelo pensamento crítico e que o foco das questões em pauta seja do interesse vital da comunidade investigada.

8.2 Cenário da pesquisa

Nossas incursões ao campo aconteceram entre setembro e outubro de 2006. À medida que adentrávamos em nosso *setting* privilegiado de estudo, ou seja, a “rampa” ou “Lixão do Jangurussu”, formada depois da instauração do Complexo do Jangurussu, conforme explicitado anteriormente, observamos que ao redor desta montanha de lixo de seis metros de altura estão dispostos pequenos casebres, cuja maioria era habitada por catadores de lixo.

Este novo Lixão do Jangurussu ou “rampa”, como é comumente chamado tanto pelos meios de comunicação como pelos catadores e moradores da área que o vêem como fonte de subsistência, emergiu no pátio do Complexo do Jangurussu a partir dos resíduos urbanos descarregados pelos caminhões municipais, ou de terceiros.

Inseridos neste ambiente, tivemos um primeiro dia investigativo bastante absorvente. O primeiro contato impactou-nos. Tínhamos noções a respeito desse tipo de trabalho, mas nunca tínhamos alcançado, tão de perto, uma realidade tão contrastante como esta. Passado o susto inicial, nos dispomos a fazer registros, em nosso diário de campo, acerca do espaço e do ambiente do lixão durante todo o dia.

De fato, percebemos ainda que toda a área onde o Complexo do Jangurussu está situado é cercado por um muro de três metros de altura, com um aramado repleto de sacos de lixo, que mais parecem bandeirolas dando boas-vindas aos visitantes.

Chocou-nos a enorme variedade de detritos espalhados. Era impressionante, também, a quantidade de plásticos e fuligem que pairava no ar, bem como era fétido e desagradável o odor que se alastrava por toda a área do lixão, incomodando-nos durante a primeira visita.

Pudemos detectar também a presença de inúmeros catadores vasculhando entre os detritos, em local somente autorizado para a descarga de lixo pelos caminhões municipais. Interessante que neste espaço reservado aos caminhões, há uma placa com os seguintes dizeres: “Perigo – Risco de acidente – Ato de manobra”, que é completamente desconsiderada pelos catadores ali presentes.

Uma vez no campo, notamos quão difíceis são as condições de vida e os mecanismos de enfrentamento aos riscos, como dependentes daquele espaço como meio de reprodução de sua existência.

Além do mau-cheiro, sentimos os olhos arderem em virtude do ar poluído. Os catadores, no entanto, pareciam não se importar com estes elementos e ficavam ali absortos na ação repetitiva de catar e garimpar o que lhes parecia proveitoso.

Ainda, no local, não constatamos a presença de barracas de lona ou plástico, para a proteção dos catadores contra as intempéries. Constatamos também a omissão do poder público quanto à instalação de um serviço de saúde visando o atendimento deste grupo.

8.3 Participantes do estudo

Ao iniciarmos a escrita desta dissertação observamos a necessidade de um termo que fosse mais apropriado aos catadores de nosso estudo, pois nos deparamos com uma extensa literatura sobre a temática que os abordam com terminologias tais como catador de

material reciclável ou resíduo sólido reciclável.

Decidimos, então, que seria mais adequado fazer uso do termo ‘catador de lixo’ em vez de ‘catador de materiais recicláveis’, visto que nem sempre os catadores presentes no lixão estão ali com o fim exclusivo de coletar materiais recicláveis para venda, mas também encontram ali objetos e coisas, não necessariamente recicláveis, para seu usufruto pessoal.

Constatamos durante nossas visitas exploratórias que há no espaço de pesquisa dois tipos de catadores: os cooperados vinculados à usina de triagem, que gozam de certas vantagens trabalhistas tais como possuir uma renda fixa mensal, seguro previdenciário condições mais salubres de trabalho e os catadores autônomos, submetidos ou não aos donos de depósitos, que optaram por ficar trabalhando na “rampa”, não aderindo à cooperativa por vários motivos pessoais e financeiros: o desprezo para com a remuneração de ½ salário mínimo oferecido mensalmente, a preferência em receber todos os dias o fruto do seu trabalho, a esperança de sempre achar algo de valor etc.

Apuramos, todavia, que há entre ambos os catadores uma insatisfação quanto ao seu espaço/dinâmica de trabalho. Os cooperados reclamam da constante paralisação do funcionamento da usina e da ineficiente política salarial; os autônomos se queixam do ambiente da rampa/lixão, cercado de situações e condições ameaçadoras à sua saúde

Foram exatamente as condições insalubres, no entanto, constatadas a partir das visitas exploratórias ao campo empírico, que nos motivaram a direcionar nossa atenção para os catadores autônomos, que trabalham a céu aberto na rampa/lixão do Jangurussu, dentro do enfoque da percepção de risco ambiental e ocupacional.

Nossa estratégia foi a de que, uma vez dentro deste espaço, abordaríamos pessoalmente os catadores, fosse durante o exercício de sua atividade, fosse nos momentos de descanso ou de almoço, que geralmente se realizava por volta de meio-dia, debaixo de um

galpão nas proximidades da rampa.

Nessas ocasiões, nos apresentávamos, assim como o nosso trabalho, e se o catador estivesse inserido no perfil definido, procurávamos conquistar a sua simpatia e persuadí-los a participar da pesquisa, embora houvesse, é claro, seguida recusa de alguns catadores quando percebiam que nossa abordagem para com eles resultaria em ter que despender tempo em razão da concorrência no lixão ou mesmo pelo medo de que fossemos agentes da Prefeitura querendo intimidá-los.

A primeira sensação que nos surgiu a partir do contato com estes catadores (autônomos) foi de estranhamento. Uma experiência de impacto, contraste e de enfrentamento difícil.

De modo que, não foi simples romper com as barreiras imaginárias ao nos defrontarmos com os catadores em nosso contato inicial. Sua posição ora de desafio, ora de desconfiança, muitas vezes distante, nos levava a crer que estavam perdidos no tempo. Tal postura, por parte dos catadores, se manifestou como obstáculo concreto neste primeiro momento.

Uma tática utilizada por nós para que demonstrassem interesse na pesquisa era mostrar diretamente às pessoas contatadas uma reportagem do jornal Diário do Nordeste, a respeito dos catadores do Jangurussu, o que lhes captava imediatamente a atenção quando procuravam se identificar nas fotos desta reportagem.

Todavia, na medida em que explicávamos sobre os objetivos do estudo e esclarecíamos de que teriam seus nomes mantidos em sigilo, a atitude de desconfiança ia sendo superada. Também, adiantávamos a eles que a entrevista seria na forma de conversa, como aquela que estávamos tendo, o que os deixava mais à vontade e confiantes. Daí, então, após consentirem em participar do estudo, solicitávamos sua permissão para acompanhá-los

em sua jornada laboral.

Nesse sentido, os critérios para eleição dos informantes por nós escolhidos definiram, portanto, os catadores dos lixões como trabalhadores que se ocupavam integralmente da garimpagem de recicláveis na rampa/lixão, e que dependiam exclusivamente desta ocupação como meio de sobrevivência.

Levamos em conta, também, o tempo de trabalho do catador nesta ocupação (mínimo de dois meses), e o fato de o próprio ou um parente próximo já ter vivenciado problemas de saúde relacionados à atividade de catação.

Portanto, em função dos critérios estabelecidos, fizemos uma escolha intencional (não aleatória) de cinco sujeitos, dentre estes, três catadores veteranos, com dois anos ou mais de trabalho no lixão e dois catadores novatos, com menos de um ano nessa atividade que puderam descrever as impressões que possuíam do ambiente ocupacional, sem levar em consideração se trabalhavam diretamente ou não para os donos de depósito locais.

8.4 Operacionalização da coleta de dados

Por entendermos o fenômeno da “catação nos lixões” como um fato social de relevância na constituição dos espaços periféricos das cidades, buscamos para o processo investigativo uma abordagem metodológica que privilegiasse a expressão subjetiva dos indivíduos que dela se ocupam, ou seja, os catadores.

Para este fim, e partindo do universo de técnicas qualitativas, julgamos apropriado fazer uso da observação livre do trabalho dos catadores, com base num acompanhamento direto e intensivo, valendo-nos de entrevistas não estruturadas e adaptadas à realidade deles, de forma a prevalecerem a espontaneidade e a informalidade durante as conversas, bem como a não indução de respostas por parte dos entrevistados.

Para melhor compreender a situação em estudo, fizemos uso, também, de um diário de campo, onde registramos todos os fatos considerados mais relevantes que não estavam previstos nas técnicas utilizadas.

A técnica de observação/acompanhamento livre dos catadores consistiu em acompanhar, passo a passo, por um período integral a sua rotina de trabalho. É na definição de Lakatos e Marconi (1986, p. 65), “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Nesse aspecto, a utilização dos sentidos, aliada ao exame dos fatos, é de importância vital, uma vez que se vivencia a interação de pessoas. O que interessa, portanto, é “expressar o que se vê, ouve e sente”. (Lakatos e Marconi, 1986, p. 65).

Nesse caso, foi uma observação livre da vida real, uma vez que se realizou no ambiente em que ocorre o fenômeno, “registrando-se os dados à medida que foram ocorrendo espontaneamente” (Lakatos e Marconi, 1986, p. 83). De fato, a análise da atividade dos trabalhadores, isto é, o que fazem concretamente para dar conta das exigências das tarefas em suas situações rotineiras é um potente instrumento para se conhecer a realidade do trabalho.

Quanto às vantagens deste tipo de observação para o nosso estudo, podemos mencionar as seguintes: 1) O emprego da técnica de observação livre nos forneceu maior oportunidade de captar a subjetividade e os significados correntes entre os sujeitos investigados; 2) Tivemos acesso a dados sobre as situações e padrões de comportamento

habituais de risco que os informantes consideram importantes ou não; 3) Os dados resultaram de situações reais e, não, imaginárias ou conjecturais; 4) A observação livre nos permitiu enumerar da forma mais abrangente possível às questões pretendidas por esta pesquisa, a partir das “hipóteses ou pressupostos, advindos, obviamente (...) do objeto de investigação”. (Minayo, 1994, p. 121).

Neste sentido, adquirimos, também, com esta técnica, a capacidade de perceber aquilo que é rotineiro, o que é usual no ambiente ocupacional da catação de lixo, enfim, aquilo que a maioria daqueles que pesquisam este tema deixa passar despercebido, seja por ter se tornado monótono seja por ter se circunscrito à esfera das observações que costumam ficar subtendidas, como assuntos de indiscutível senso comum.

Assim, nessa etapa, foram realizadas entrevistas abertas e individuais com os informantes a partir dos temas de interesse da pesquisa. Quanto às entrevistas, quatro foram feitas com participantes que não dependiam dos representantes dos donos de depósito (sucateiros) e uma entrevista com um sujeito que dependia desses representantes. Utilizamos a gravação digital como forma de registrar esses dados e facilitar sua transcrição e análise.

Essas entrevistas não-estruturadas foram direcionadas por três eixos: um que identificava o informante abordando idade, nível educacional, procedência e tempo dedicado ao trabalho de catação; um outro sobre a caracterização de um dia típico do seu processo de trabalho, no qual foram abordadas as experiências relacionadas à sua atividade e, por fim, outro que procurava captar a percepção de risco à saúde entre estes trabalhadores e as estratégias de defesa por estes utilizadas, bem como o que achavam de bom ou ruim em sua ocupação.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2006, nos dias úteis e foram realizadas no próprio local de trabalho dos catadores, ou seja, no espaço do

lixão, durante o processo de catação propriamente dito, onde o pesquisador teve a oportunidade de acompanhar passo a passo a sua dinâmica laboral.

8.5 Processo de análise dos dados

Privilegiamos em nossa análise o contexto ocupacional e social no qual os catadores de recicláveis estão imersos, sem, contudo, esquecer as condições ambientais a que estão expostos. Tais elementos são condições indispensáveis para o conhecimento da percepção de risco por parte destes indivíduos, por isso importa sobremaneira sua compreensão. Nesse sentido, Minayo (1994, p. 227) assinala que

A interpretação final dos dados partirá do aparente caos das informações recolhidas no campo para fazer delas, ao mesmo tempo, uma revelação de sua especificidade de concepção e de participação nas concepções dominantes, e mais que isso, de expressão da visão social de mundo.

Segundo Thomas e Nelson (2002), uma análise acurada dos dados, entretanto, leva em conta a abstração dos leitores, a partir do conceito de validade externa. A validação externa qualitativa, ou a capacidade de generalização é entendida, de acordo com estes autores, como a disposição em que o usuário (leitor) avalia as descobertas do estudo descrito e interpretado e pergunta que fatos se aplicam para a sua situação. Desta maneira, é o consumidor da pesquisa que realiza a abstração, conforme a sua necessidade.

Todavia, buscamos revelar o pensamento original da população em estudo em

oposição ao assim chamado saber técnico-científico, numa perspectiva interpretativa baseada na Abordagem Psicodinâmica de Christophe Dejours (1992) sobre a relação existente entre indivíduo, trabalho e sofrimento.

8.6 Aspectos éticos da pesquisa

Para fins de aprovação, o projeto de pesquisa foi submetido ao COÉTICA (Comitê de Ética em Pesquisa) da UNIFOR. Para tanto, utilizamos como protocolo de pesquisa, um termo de consentimento em que os sujeitos, após terem sido previamente esclarecidos sobre os objetivos do estudo, assinaram e manifestaram espontaneamente a vontade de participar desta pesquisa, sendo que este foi também assinado pelo pesquisador. Nos relatos transcritos, os participantes foram identificados com nomes fictícios, de modo a lhes assegurar o anonimato.

Durante todo o processo da pesquisa, comprometemo-nos a atender as exigências legais das Normas de Pesquisa em Saúde instituídas pela Resolução nº 196/96, do Ministério da Saúde, publicadas no Diário da União, de 10/10/06, com a garantia de anonimato das informações e dos informantes (Brasil, 1996).

Finalmente, procuramos respeitar os valores culturais, sociais e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade em foco, assumindo, dessa forma, o empenho com sua promoção social.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ana, Bento, Carlos, Dário e Estevão são todos nomes fictícios designados para identificar personagens de carne e osso que falam de um drama real.

Destas cinco pessoas, um é do sexo feminino, três já tem mais de três anos no trato com os detritos do lixão, os outros dois informantes são jovens recém-iniciados nesta ocupação e, portanto, ainda trazem consigo certa inexperiência com esse tipo de atividade. Todos, quando encontrados por nós, gozavam de relativa saúde e assentiram voluntariamente em participar da investigação. Do total desses trabalhadores, três vieram de outros lugares do Ceará e os demais são nativos de Fortaleza. Todos são alfabetizados.

As atividades anteriormente exercidas pelos catadores até a sua chegada ao lixão foram citadas na seguinte ordem: empregada doméstica, agricultor, trabalhador braçal, peão de boiadeiro e caseiro. Devido a inúmeros motivos, todos chegaram ao trabalho de catação no lixo, revelando uma trajetória de exclusão social vivenciada e sentida na pele.

Apuramos, todavia, a informação verídica de que as jornadas excessivas de trabalho não permitem aos informantes executarem outro tipo de atividade, uma vez que, do ponto de vista econômico, praticamente todos eles dependem integralmente dos rendimentos obtidos da atividade de catador.

Uma melhor visualização dos dados sócio-demográficos dos catadores entrevistados pode ser contemplada na tabela abaixo:

Tabela 1 - Aspectos sócio-demográficos dos participantes da pesquisa

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROCEDÊNCIA	ATIVIDADE ANTERIOR	TEMPO DE CATAÇÃO
ANA	48 anos	Alfabetizado	Interior	Empregada doméstica	06 anos
BENTO	52 anos	Alfabetizado	Interior	Agricultor	07 anos
CARLOS	39 anos	Alfabetizado	Capital	Trabalhador braçal	03 anos
DÁRIO	25 anos	Alfabetizado	Capital	Peão de boiadeiro	11 meses
ESTEVÃO	23 anos	Alfabetizado	Capital	Caseiro	09 meses

Os resultados que se seguem, condizem com os objetivos que procurávamos alcançar nesse estudo, ou seja, descrever a rotina de trabalho dos catadores do Lixão do Jangurussu; identificar se os mesmos relacionam a atividade de catação a ameaças à sua saúde; conhecer as estratégias de defesa para minimizar ou negar os riscos que permeiam a sua ocupação e, por fim, conhecer relatos de prazer e sofrimento associados a esta atividade.

Os dados coletados procuram refletir de maneira fidedigna a realidade vivenciada por esses trabalhadores em sua luta diária pela sobrevivência. Nesse aspecto, tivemos também o cuidado de preservar a linguagem comumente falada pelos catadores no ambiente do lixão tal como a captamos durante a gravação das entrevistas, enquanto desempenhavam sua jornada integral de trabalho a céu aberto. Estas pessoas relataram em detalhes a rotina de trabalho e a convivência diária com o risco.

9.1 Caracterização da rotina de trabalho dos catadores do Jangurussu

Para boa parte da população brasileira, a atividade de catação nos lixões foge dos padrões habituais aos quais se recorre para qualificar trabalho. De certo modo, esta ocupação contraditoriamente abriga, em seus aspectos mais formais, alguns pontos de aproximação com os trabalhos ditos tradicionais, tais como rotinas, riscos, regras e normas que envolvem um trabalhador comum.

A partir da observação direta do trabalho de catação do lixo paralelamente aos relatos dos catadores, fomos estabelecendo a descrição referente à organização e às condições laborais desta atividade no Lixão do Jangurussu.

Durante nossa ida ao campo, observamos que o processo de trabalho dos catadores chamado por estes de “casqueiragem”, é dividido em três fases. A primeira consiste em coletar materiais recicláveis ou de interesse próprio, tais como utensílios e alimentos, em meio ao lixo misturado a toda espécie de resíduos advindos da Cidade e descarregado pelos caminhões em pequenos lotes; a segunda fase dá-se com o armazenamento do material recolhido num espaço individual delimitado pelo catador; finalmente, quando há interesse por parte do catador, ocorre o momento da revenda ou comercialização destes materiais junto aos representantes dos donos de depósito.

Nesse sentido, a rotina de trabalho se inicia com os catadores aguardando a chegada dos caminhões abarrotados de lixo. Nesse ínterim, em bando, e ainda com os veículos em movimento, começam a coleta dos materiais aproveitáveis.

Os instrumentos de coleta utilizados são: baldes e sacos para coleta - apelidados de *bergues* – que, estando totalmente cheios, chegam a quase dois metros de altura, vassouras

de metal, chamadas de ciscadores ou casqueiros, utilizados para retirar, remover os objetos e separá-los, e por fim, há o inseparável carrinho-de-mão (quando o possuem) para o transporte do material recolhido.

O ritmo de trabalho é intenso. Motivados pela competição e pela possibilidade de aumentar o rendimento, alguns preferem selecionar o material tão logo ele é depositado no solo, numa espécie de loteamento. Nessa etapa, o seu objetivo é encher o *bergue*, ou saco de lixo. Cada um parece ter uma cota a cumprir, meta esta estabelecida por eles mesmos em vista de suas necessidades ou imposta pelos representantes dos donos de depósito.

Ouvimos dos catadores, a informação de que eles aprendem rapidamente a se habituar ao ambiente do lixão e logo ficam conhecendo algumas peculiaridades do local, como os melhores dias e horários para catar e a procedência de cada caminhão que chega.

Desse modo, para estes catadores, há o caminhão do lixo “bom” que serve para a comercialização e aquele que carrega o lixo “imprestável”, ou seja, há o lixo aproveitável como matéria-prima e o lixo que permanece na condição de rejeito e cujo destino final é o aterro sanitário de Caucaia.

Com todos os instrumentos em mão, os catadores velozmente sabem distinguir entre os caminhões com o lixo advindo de áreas nobres, tais como a Aldeota e aqueles das áreas mais carentes da Cidade, e ainda aqueles provenientes de supermercados e mercadinhos, os quais contém gêneros ainda aproveitáveis.

Durante os dias de observação e registro no campo, a dinâmica se repetiu continuamente por parte dos catadores em preparar os equipamentos, correr até os caminhões, catar os objetos de sua preferência, separá-los, fazer um intervalo para o almoço, retornar a catação, e, ao fim do dia, comercializá-los junto aos representantes dos donos de depósito.

Em turno integral, de manhã até à tardinha, alguns resumem a sua rotina de

trabalho da seguinte maneira:

Nós vem a pé pra cá e muda de roupa aqui mesmo no galpão do Complexo (...) Já trago o meu material comigo, o casqueiro e a foice, só o camburão e os 'bergues' a gente deixa no galpão pra pegar de manhãzinha. Então, já tamo pronto pra casquerar. (Bento, catador há sete anos).

Outros declararam ainda:

Quando eu chego, já to com o material pronto, fico só aguardando os caminhão, junto os bagulho e lá pra meio dia, descanso pra almoçar debaixo daquela arvore ali, fico mais ou menos uma hora. Depois, pego de novo no trampo. No final, repasso pros sucatero o que eu colhi, mudo de roupa de novo e vou pra junto da minha muié. (Carlos, catador há três anos).

Tô aqui catando, num vejo nem o tempo passar, quando me espanto já é hora de almoçar. As vez, num dá nem pra relaxar, só fico pensando se vai dar pra apurar e pagar minhas conta. Eu já to acostumado a todo dia a mesma coisa, num tem muita novidade não (...) a hora que mais espero é a hora de tratar com os sucatero. Aí, você vê o quanto ralou. (Estevão, catador há nove meses).

Indagada a respeito do que realizava a cada período do dia, Ana, catadora há seis anos respondeu detalhadamente:

As quatro hora da madrugada, me acordo, ainda no escuro, para preparar o café da família e a comida pra comer meio-dia. Levo também o material que for preciso pra lida. Fico assim até as sete, quando eu vou pro lixão. Espero então meu marido se arrumá pra gente ir junto. Coitado, ele tem bico de papagaio e num pode me ajudar muito em casa, faço tudo sozinha.

Às sete e meia quando chega lá, a gente bota mais roupa por cima pra mode não sujar a de baixo. É hora então de se ajuntar os outros e esperar os caminhão e então a gente começa a casquerar.

Lá pras dez horas, dô uma pequena saída e vou lá em casa fazer uma merenda pras criança e retorno às dez e meia. Às veiz, levo alguma coisa boa pra comer que eu acho aqui mesmo pra eles.

Ao meio-dia agente já ta morto de fome, então todo mundo para e vai pra de baixo do galpão da EMLURB e faz as refeição por lá e fica até uma hora.

A tarde nós repete a mesma novela que é feita na manhã, a não ser quando paramo pra justar com os sucatero, lá pras seis horas, a gente para, vai conferir todo o material e vende pra eles.

Às seis e meia da noite é hora da gente voltá pra casa (...) se ganho um dinheiro bem pago, fico satisfeita, mas se pagam ruim, volto triste. Mas, é assim mesmo.

À noite quando posso requento a janta do marido e dos filho, senão dorme mesmo só com um gole de café preto. Assistimos um pouco de televisão e quando dá dez horas da noite todo mundo vai pra sua rede dormir e começar tudo de novo.

Quando não estão se atarefando, o domingo representa um dia especial para a maioria deles, porquê é dia de descanso, de jogar futebol, ir aos templos religiosos, ou mesmo, receber os amigos mais sossegadamente em suas casas. O simples fato de não estarem labutando no lixão já é um motivo importante para alterar a sua rotina, já que o serviço nos dias da semana tem que render o máximo para estas pessoas; o descanso nesse contexto fica relegado a segundo plano.

Apuramos ainda que alguns dias da semana ou períodos do ano podem ser mais detestáveis ou festivos para os catadores:

A segunda-feira é um dia terrível pra nós. É o dia que chega mais lixo por aqui. Só que não é lixo bom, não senhor, é aquele lixo ruim, acumulado domingo nas barracas de praia, (...) o que vem mais nos caminhão é resto de caranguejo, lagosta e camarão, tudo fedendo de podre. O mau-cheiro empesta toda a redondeza com a catanga (...) tem gente que nem vem casqueirar na segunda-feira, aborrecida, só por causa desse fedor. (Bento, catador há sete anos).

A melhor época pra se trabalha aqui é no natal. É uma época em que o inverno ainda num chegou e é comum a gente encontra muito quilo de peixe e de frango no meio do lixo, tem pessoa que encontra até cesta de natal, cheia de sortimento, vindo nos caminhão. (Carlos, catador há três anos).

Ainda, a respeito do seu processo produtivo, averiguamos que os trabalhadores do lixão se organizavam a partir de uma divisão de trabalho, de acordo com os tipos de produto para a venda/consumo próprio. Alguns catavam sozinhos e outros em pequenos bandos. Ambos, porém, vivenciavam um processo de trabalho similar, que se constituía na rotina

anteriormente descrita.

Na verdade, desenvolvendo uma forma arcaica de seleção de matéria-prima, a atividade de catação ocorria em cenário de exploração e dominação, tal como presente em outras instâncias da sociedade. A questão extrapola, todavia, essas dimensões. Seu processo de trabalho lembra aquele realizado pelos operários no início do processo de industrialização (Santos, 1990).

À primeira vista, percebemos que a sua atividade se parece com a de um trabalhador autônomo, envolta de liberdade, mas verificamos que alguns possuem uma autonomia condicionada, visto que o trabalho com o lixo reciclável entre os catadores e donos dos depósitos de reciclagem, chamados de sucateiros, passa pela mediação de seus representantes, a quem os catadores estão mais próximos; geralmente há entre estes dois últimos atores um código normativo que indiretamente regula a conduta de ambos.

Na verdade, as relações de trabalho dos catadores com os donos de depósito, ou seus representantes, independentemente se os catadores trabalham ou não diretamente para eles, é permeado por certa tensão, principalmente no que diz respeito ao aspecto financeiro. É o que atesta Dário em seu depoimento:

Quando a gente chega aqui, é meio abestado, num sabe de nada, como é que as coisa funciona. A gente fica sem informação de como se vende o material, como pode melhorar o ganho. Os sucatero monta na gente, compra tudo por um peso só, num diferencia o tipo de material que a gente pega, que a gente colhe. Como o cara é novo aqui, ele num reclama, só faz concordar. (Dário, catador há nove meses).

Esses encarregados dos donos de depósito são responsáveis por recolher dos catadores o material coletado, pesá-los e negociar diretamente com eles o preço a ser pago, bem como levar o material recolhido para os depósitos. Em seus armazéns, os sucateiros vão

aglomerando os materiais prensando-os em fardos, até alcançarem um montante que possibilite a condução para as indústrias de reciclagem.

A mediação feita por esses representantes pode ser explicada por duas razões principais: primeiro, pela dificuldade de locomoção dos catadores de lixo para entregar o material nas indústrias de reciclagem e, segundo, pelas vantagens que esse sistema oferece às indústrias.

Para Juncá (2001), os catadores ignoram por inteiro os aspectos que abrangem a logística do processo de reciclagem, ignorância que é freqüentemente atribuída à baixa escolaridade. A autora comenta ainda que a pouca compreensão do circuito da reciclagem é um forte empecilho para que catadores obtenham melhores ganhos nessa atividade.

De um modo geral, os catadores têm a sua remuneração definida a partir do volume de material coletado e vendido. Segundo os catadores entrevistados, o rendimento, varia de acordo com a carga coletada, da quantidade e tipo de material, acrescido, ainda, de alguns fatores como: época do ano, número de familiares ajudantes, horas trabalhadas. No somatório dos relatos, constatamos que a renda média mensal situa-se em torno de um salário mínimo para cada catador.

Mesmo assim, em seus depoimentos, os catadores entrevistados declararam que preferem trabalhar de maneira autônoma ou de forma submissa aos donos de depósito de sucatas do que catar lixo na esteira rolante, concebida segundo o modelo fordista, na cooperativa. Os catadores alegaram que lucram muito mais na catação a céu aberto na rampa, mesmo tendo que lidar com atravessadores que costumam desmerecer o seu trabalho.

Não é à toa que em face da desproteção social e trabalhista sofrida pelos catadores e outros segmentos excluídos, algumas políticas compensatórias foram implementadas pelo

atual Governo, para abranger esses indivíduos tais como o “Bolsa-Família”, criado para combater a miséria e a exclusão social, e promover a emancipação das famílias mais pobres com renda *per capita* de até R\$ 100 mensais. Na realidade, este benefício apresenta-se como suplemento à tão minguada renda desse grupo de trabalhadores.

O lixão, todavia, é para estes catadores uma espécie de baú mágico, que também suplementa a economia familiar, quando lhes provê os mais variados utensílios e alimentos que ainda conservados, atendem suas necessidades diárias, além de outros objetos tais como peças decorativas, livros, revistas, telefones celulares etc.

Finalmente, todos os entrevistados elegeram como maior vantagem do trabalho no lixão os ganhos ali obtidos como superiores aos recebidos em profissão anterior. Outro benefício, segundo eles, é a autonomia da gestão do tempo, como bem se expressou uma catadora:

“Não preciso pedir a nenhum patrão ou patroa pra descansar, ir a reuniões na escola dos meus filhos, ou mesmo, ir lá em casa pra dar remédio pro menino doente. Antes, quando eu trabalhava na casa do patrão, pegava muito no meu pé, era muito da pressão. Agora, se eu quiser saio daqui agora mermo pra lavar e quorar as roupa suja, lá em casa, e, ninguém me empata”. (Ana, catadora há seis anos).

Uma particularidade interessante observada no campo diz respeito às formas de proteção utilizadas pelos catadores, geralmente precárias e improvisadas. Uma delas diz respeito ao vestuário. Eles sobrepõem sobre si inúmeras peças de roupas, muitas delas encontradas entre o lixo espalhado no lixão, o que nos fez recordar os lazarentos da idade medieval.

Segundo os informantes, esta sobreposição de peças tem várias conveniências, como por exemplo, a de protegê-los quanto a poeiras e partículas, de materiais perfurocortantes, a de proteger a roupa limpa que se oculta por baixo da sujeira presente em todo o lixão.

Essas camadas de roupas sobrepostas, no entanto, não é em numero excessivo, uma vez que, os catadores necessitam de agilidade para abaixar-se para a coleta de materiais, ou correr atrás dos caminhões sem ter que desperdiçar esforço ou energia. Apenas este vestuário, no entanto, não é capaz de lhes garantir segurança, em face dos inúmeros riscos a que estão sujeitos no espaço do lixão.

Em vista das duras condições da sua rotina de trabalho e das formas arcaicas de proteção ao corpo a que estão submetidos, o interesse em mudar de ocupação e ingressar numa atividade mais segura e possuir carteira de trabalho assinada ainda representa um sonho para a maioria dos catadores entrevistados, demonstrada pela incerteza e sentimento de descrença sobre as reais possibilidades de serem alocados em outra ocupação, uma vez que se referiram ao crescente desemprego e à forte concorrência.

O baixo nível de escolarização, na visão destes, é o maior empecilho para ocuparem um posto melhor remunerado, refletindo, até mesmo, de forma negativa para a auto-imagem desse grupo. Em nossas conversas constatamos um certo menosprezo pelo próprio trabalho e dos colegas a partir da forma como estes se dirigiam uns aos outros.

Nessas ocasiões era comum alguns catadores referirem-se aos seus pares com termos jocosos tais como “sujismundo(a)”, “bagulhador(a)”, “cascão” etc, numa dinâmica que interage com uma imagem social desprestigiada de sua ocupação, contribuindo assim para que esses trabalhadores, apesar de sua importância social, continuem se sentindo “cidadãos de segunda categoria”.

De um modo geral, pareceu-nos ser um obstáculo fundamental à satisfação dos entrevistados o fato de a sua produtividade não ter um valor reconhecido no mercado de trabalho, por conta do baixo preço oferecido pelos atravessadores, e a falta de uma qualificação profissional que possa lhes dar maiores chances de concorrer a outras funções,

limitando-os na condição de trabalhadores “marginais”.

Alem do que, por conta da forma como é organizado o seu processo produtivo, os catadores ficam em desvantagens num tipo de ocupação que lhes exige muita força física, expondo-os a um ambiente hostil e de extrema competição pela sobrevivência.

Diante do exposto, compreendemos que a atividade de catação de lixo, realizada por esses trabalhadores é caracterizada pela insalubridade, penosidade e alto nível de estresse, numa rotina diária determinada por um conjunto de cargas laborais excessivas e, por condições, que podem resultar em possibilidade de ocorrência de doenças e acidentes de trabalho.

9.2 Os riscos ocupacionais e ambientais sob a óptica dos catadores

Os riscos relacionados ao ambiente e à atividade de coleta de resíduos sólidos urbanos parecem estar bem definidos para a comunidade científica em geral. As vias de intoxicação, a toxicidade e os danos à saúde e ao ambiente, por parte deste local e atividade, aparecem hoje como conhecimento claro e bem constituído por estudos afins, evidenciando os riscos presentes. (Porto *et al*, 2004; Velloso *et al*, 2003; Gonçalves, 2005).

De acordo com Gonçalves (2005:21),

(...) coletam materiais recicláveis expostos a sol ou chuva, determinando seu próprio ritmo de trabalho e o seu posicionamento físico. Convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo acumulado, com a fumaça (...) com urubus e mosca em grande quantidade, estando ainda a mercê do risco

de contrair varias doenças e se contaminarem (...) encontram-se expostos aos mais variados tipos de resíduos perigosos (...) Trata-se de uma situação que é ainda agravada pelo fato de os catadores não fazerem uso de equipamentos de proteção individual, tal como luvas e botas (...)

Através da observação *in loco*, pudemos constatar que a exposição dos catadores aos agentes ambientais danosos presentes no lixão ocorre comumente por meio da inalação, do contato dérmico, contaminação via oral (por alimentos), além dos riscos ocupacionais a que estão sujeitos, tais como acidentes diversos, cortes, atropelamento por tratores e caminhões, em razão de se posicionarem próximos a áreas consideradas perigosas.

Não foi fácil, entretanto, extrair os relatos dos catadores, enquanto executavam a sua rotina de trabalho, uma vez que “os trabalhadores não gostam de ser lembrados do que tão penosamente procuram esconjurar”. (Dejours, 1992:71).

Para esses trabalhadores, falar das ameaças que lhes rodeiam, e até mesmo da necessidade de se adotar atitudes preventivas, implica em trazer à tona situações de perigo que enfrentam dia após dia de maneira concreta. Assim, ao falarem desses riscos, não deixa de lhes sobrevir uma certa dose de sofrimento psíquico.

Fizemos referência anteriormente a desconfiança dos catadores em consentir participar deste estudo. De certa forma, esta nos diz muito a respeito daquilo que lhes incomoda e lhes causa desconforto. A seleção de nossos entrevistados, foi para nós algo como uma “garimpagem”, de modo que tivemos todo o cuidado de não lhes causar constrangimento durante as entrevistas, uma vez que estas pessoas trazem consigo um histórico de perdas pessoais e sociais.

Houve momentos, conforme registramos em nosso diário de campo, em que eles nos indicavam se era ou não uma hora apropriada para acompanhá-los no trabalho e entrevistá-los. Estes momentos eram sinalizados por certas atitudes tais como a rapidez com que passavam com seus carrinhos, certas expressões faciais ou paradas para o descanso do

corpo, o que nos fazia ponderar sobre estas posturas e aguardar um momento mais adequado para conversar com eles.

Todas as situações de risco aqui descritas, com exceção daquelas que apontam para momentos prazerosos, apresentam fortes indícios de que, ao menos em parte, aconteceram em condições inadequadas e insalubres em seu ambiente de trabalho.

Durante a observação da rotina de catação e das entrevistas livre com os informantes, constatamos inicialmente, que o maior risco existente nesta ocupação, a possibilidade de cortarem a pele com materiais perfurocortantes, tais como cacos de vidros, lâminas e lascas de madeira encontradas entre os detritos.

Indagados sobre os riscos que achavam que corriam naquele ambiente, os entrevistados responderam da seguinte forma:

O maior perigo daqui, rapaz, é da gente se cortar, fazer um estrago grande na sua pele, é por isso que a gente bota tudo que é pano em cima de nós, pra num ferir (...) acontece que quando o casquerador bate na sacola de lixo, então, o vidro escapa e salta pra cima do sujeito (...) quando pega, dói pra caramba. (Bento, catador há sete anos).

Aqui todo santo dia tem um que corta, daqueles de pegar ponto em hospital, é com vidru, é com gilete (...) o problema é que a gente vai pegar o lixo sem luva, ai vai desprivinado, confiando que num tem nada, (...) tem gente que se fura até com frepa de madeira, aí, é ruim, porquê entra na pele, inflama, e, é ruim de tirar. (Dário, catador há onze meses)

A exposição a acidentes com agulhas hipodérmicas e a eventual presença de microorganismos patogênicos podem ser responsáveis por acometimentos de hepatite B e outras doenças, nos trabalhadores.

Outra doença ocupacional comumente associada a esse meio e freqüentemente relatado pelos catadores em pauta diz respeito às micoses, aparecendo mais freqüentemente nas mãos e pés, onde as vestimentas transpostas umas às outras estabelecem condições favoráveis para o desenvolvimento de microorganismos.

Segundo Carlos, catador há três anos, o trabalho que os catadores executam neste lixão não é um “trampo” para qualquer pessoa, pois, segundo ele, além de ser um trabalho “duro”, não é “reconhecido” e “exige muito” de quem a ele se dedica, demandando que os catadores novatos “deixem de lado a vergonha e encarem o serviço de peito aberto”.

No seu depoimento, ouvimos dele também a opinião de que,

“(...) esse, não é um lugar bom de se trabalhá, a gente sua demais e entra pueira por tudo que é buraco, os olhos fica ardendo, fede demais e dá muita dor de cabeça (...) até já fui murdido por cachorro umas duas vez.

A respeito da inalação de gases malcheirosos e poeiras exalados em todo o ambiente do lixão ouvimos os seguintes relatos:

Tem gente que não pode nem ver o cheiro. Já teve gente trabalhando e teve que parar. Só pelo cheiro de trabalhar ali ela não consegue trabalhar. Tem gente que se passar no caminho e tiver a catanga de pudridão ele já passa mal, sente o estômago ruim, ou a cabeça começa a doer. (Bento, catador há sete anos).

Por causa desse mau cheiro, tem pessoas que dá desmaio, tonteira, mas pior que essa catanga que você ta sentindo, são essas mosca, elas são um inferno na nossa vida, parece que quer entrar pelo ouvido e pela venta da gente (...) e são elas que botam bicho nesses restos de comida que você ta vendo, fazem um zunido horrive (...) tem que enrolar o pano todo na cara se não ninguém agüenta elas. È todo dia o mesmo inferno, elas só não vem, quando ta serenando ou ventando muito, aí, elas dão um sussego. (Ana, catadora há seis anos).

Outro perigo detectado refere-se aos incêndios que podem ser desencadeados pelo uso de cigarros artesanais pelos catadores e pela presença de inúmeras embalagens de pilhas e aerossóis espalhadas no local, que entram em contato com materiais inflamáveis, advindos dos caminhões carregados, tais como estopas sujas de gás, lubrificantes e outros materiais perigosos.

Pra você vê o perigo, né. Uma vez, de repente, tava tudo enquanto era saco incendiando, foi um Deus nos acuda. Era um galão cheio de óleo pegando

fogo, se espalhando e nós correndo daquelas chama (...) nem pensaram em apagar, todo mundo saiu de perto, aí, falaram que foi fulano que jogou uma bitoca de cigarro porronca lá em cima. (Bento, catador há sete anos).

Às vezes, dá um pipoco terrível. Você ta lá fazendo o serviço, de repente é aquele barulhão. São pilhas velhas, lata de aerossol, de desodorante, elas estouram a todo momento, depois, eu acho até engraçado, quando tomo um espanto (...). uma vez uma estorou uma lata perto de mim, dei aquele salto, por pouco, num pegou na minha coxa. (Ana, catadora há seis anos).

Nesse aspecto, alguns metais pesados como chumbo, cádmio e mercúrio advindos das pilhas e baterias misturados ao lixo incorporam-se à cadeia biológica e têm efeito acumulativo que podem provocar diversas doenças como saturnismo e distúrbios no sistema nervoso, entre outras (Ferreira e Anjos, 2001).

Além da exposição ambiental a agentes físicos, químicos e biológicos. Os perigos desta ocupação englobam, ainda, os fatores ergonômicos, com referência às limitações e às dificuldades do trabalho de catação, tal como o ato contínuo de vergar o corpo para apanhar o lixo ou carregar peso excessivo, como bem descreveu a catadora,

Cansa demais minha coluna, num sabe. Fico toda arriada, dolorida, têm dia que é uma luta pra sair de casa e vir para cá. Sinto que a cada dia vou enferrujando mais um pouquinho. É essa posição da gente de ficar em pé o dia todo, pegando carga pesada, levando saco daqui pra aculá (...) mesmo, com carrinho de mão pra levar esses bagulho, num adianta muita coisa, porque a gente já tá toda enferrujada. (Ana, catadora há seis anos).

Outro contexto de risco diz respeito à presença dos caminhões, o que se explica pela maneira desorganizada dos motoristas locomovem a pá-viradeira, quando descarregam o lixo urbano ou manobram os veículos sem levar em conta a presença dos catadores.

Dia desses, quando me aproximei da caçamba, esperando o lixo descarregar, o motorista fez uma manobra pirigosa demais. Como o carro tava numa ribanceira, ele derrapou duma vez e saiu de marcha ré; na corrida, pra me salvar, acabei cortando o pé com o casquero, foi um corte horrive, mas, num fui pro hospital, só tomei uns antibiótico, depois que inchou. Fiquei uns três dias sem casquerar. (Carlos, catador há três anos).

Sobre os cuidados durante a catação, este mesmo catador declarou que,

Quem num se cuida, se estrepa, tem que ter cuidado quando o caminhão descarrega o lixo numa vez (...) a pessoa tem que ter consciência, tem que ter cuidado com a pá viradeira pra ela num lhe pegar, senão pode lhe aleijar pra sempre, se incalçar a coluna, já era, num têm remédio que dê jeito.

Esses agentes danosos expostos acima, portanto, podem ter a sua ação ampliada por certas posturas e hábitos adotados pelos catadores, tais como o horário e a qualidade do alimento ingerido e outros hábitos como o tabagismo e o consumo de álcool que resultam em efeitos deletérios à sua saúde, bem como aumentar os riscos de acidentes.

Por diversas razões, o mero conhecimento ou consciência por esses sujeitos do risco potencial e do perigo, entretanto, não é suficiente para transformar seus hábitos e posturas necessariamente em ação preventiva. A primeira razão é a convivência dos catadores num processo habitual de trabalho atravessado pela precariedade e pela degradação ambiental que naturaliza os riscos como uma circunstância normal, uma vez que esses sujeitos chegam ao ponto de desconsiderar o efeito resultante. Isto pode ser constatado nos depoimentos abaixo:

Todo mundo sabe que pode pegar doença aqui no lixão, é picada de inseto, é fogo, é vidro, tem muita coisa prejudicando a saúde, eu, por exemplo, já tive dengue duas vezes, tenho certeza que eu peguei aqui e cada vez eu saio mais forte dela (...) de tanto o cara apanhar, acaba ficando amaciado, acostumado de tanto lombada, tem hora que a gente nem liga mais. (Bento, catador há sete anos).

O que eu mais reclamo é o sol na cara da gente, ficar o dia todinho no sol, respirando poeira na cara da gente; acho que isso faz mal pra pele (...) os olhos ficam ardendo (...) eu só uso o chapéu pra me proteger, ajuda a melhorar a vista da gente. (Ana, catadora há seis anos).

A certeza de que um problema de saúde mais sério não lhes ocorra é reforçada a partir da experiência pessoal. O fato de o catador jamais haver percebido sintomas mais graves e conhecer pessoas que por longos anos nunca adoeceram ou se acidentaram, faz com

que confiem na chance de se safarem de alguma gravidade.

Questionados sobre o modo como encaravam a existência de fatores insalubres em seu local de trabalho, ouvimos deles o seguinte:

É aquela coisa num sabe, A gente apenas se atira aqui no meio do lixo. Num tá nem aí. Você raciocina: 'ah, eu vou me sujeitar a isso de qualquer jeito'. Comigo num vai acontecer nada demais. Então, você olha e vê que quase todo mundo pensa do mesmo jeito que você e, então, perde o medo de se aventurar. (Estevão, catador há nove meses).

As carniças que tu vê por aí, sozinha ela num mata ninguém, só fede muito (...) a gente vê muito bicho aí fuçando as carniças, todo santo dia eles tão aí, e não lhe fazem mal. Se não faz mal a eles, também pode num prejudicar a gente. Tem gente que é mais forte que muito bicho por aí (...) o importante é seguir com fé e com saúde, rapaz. (Bento, catador há sete anos)

É curiosa a forma como o catador se refere aos animais que freqüentam o lixão para dele extrair alimento, chegando até mesmo a colocar-se em nível de igualdade em relação aos 'bichos' quanto ao contato diário com as 'carniças'. Esta forma de pensar é portanto, resultante da degradação e das precárias condições vivenciadas por esses trabalhadores.

Por outro lado, quando ocorre algum dano mais grave com algum colega, decorrente de algum acidente ou contaminação, que logo desencadeia maior repercussão entre o grupo, a tendência adotada pelos catadores é tomar algumas precauções, mas, por um curto período, até voltarem ao comportamento habitual:

Eu fico cabreiro, num sabe, procuro saber logo o que foi que aconteceu, se o peão tava sem bota, desprotegido, se foi um corte fundo (...) eu fico assim meio cabreiro. Quando vêm me contar que alguém se adoentou a ponto de ficar entrevado por muitos dias, vou me protegendo melhor, evito pegar nisso ou naquilo. Dá o que pensar (...) então, a gente acha que já se conscientizou, aí, passa um mês e a gente vai esquecendo e começa a fazer as coisa, cada um, do seu jeito. (Carlos, catador há três anos)

Entre os catadores novatos, que não possuem muita experiência na ocupação, a sua exposição ao perigo foi explicada por motivos bastante convencionais, tais como o desejo

de ganhar rapidamente mais dinheiro e competir com os colegas. Entre estes, a desinformação quanto aos danos à sua saúde é ainda maior:

Não vim pra cá de bobeira não, já vi muita gente ganhando dinheiro aqui na rampa, não tem que fazer corpo mole não, (...) eu também vim pra ganhá dinheiro já tô garantindo o meu (...) aqui, quem entra na chuva, é pra se molhar, num fica olhando pros lado, pra quem está adoentado. (Estevão, catador há nove meses).

(...) quando o cara num quer trabalhá, inventa tudo enquanto é desculpa. Eu mesmo, já adoeci algumas vezes, foi infecção intestinal, virose e até pira, que o povo chama de micose, já peguei, mas, é como qualquer outro trabalho, você pega em qualquer lugar (...) se tiver de adoecer, o cara adoce. (Dário, catador há onze meses).

Como vimos, a consciência do risco presente nas falas dos catadores iniciantes demonstra possuir uma natureza ainda mais frágil e superficial. A possibilidade de que algum incidente grave aconteça não lhes provoca suficientemente a atenção para qualquer forma de prevenção, preferindo adotar uma atitude de indiferença.

Nem só de riscos ou desgostos, entretanto, sobrevive o catador do Jangurussu, alguns relatos de prazer, referidos ao desempenho da atividade e pelos raros objetos de valor descobertos, foram coletados.

Dário, por exemplo, embora faça referência ao trabalho como ‘danoso’, demonstra um certo orgulho nesta transcrição,

Sabe, eu gosto de provocar o perigo, de vencer ele, é como uma febre me chamando todo dia, (...) dá satisfação saber que se agüentou mais um dia, que você venceu, foi mais forte (...) me dá alegria vê que fiz todo o serviço completo, que eu consegui encher até vinte saco cheio de sucata.

Já Ana, de maneira exultante, observou que,

Ah! é uma maravilha (...) eu ganho o dia, fico toda animada, quando acho alguma coisa que se aproveita lá em casa (...) dia desses achei um toca-CD daqueles pequeno, faltava pilha, todo arranhado e sem aqueles fio do ouvido (...) aí, levei pro meu filho de seis anos que ainda hoje se diverte com ele, acho que o dono botô ele no lixo por engano, pra nossa felicidade.

Tais descrições proferidas pelos catadores, embora expressadas, até mesmo, de maneira ingênua não guardam relação em profundidade com os efeitos cumulativos e nefastos à saúde que a experiência, dia após dia, de contato com o lixo contaminado pode lhes ocasionar.

Assim, diante das ponderações elencadas acima, os impactos negativos da catação do lixo no Lixão do Jangurussu, na saúde desses trabalhadores são perfeitamente visíveis pela forma como enfrentam os riscos presentes nesse ambiente, ao lidarem de maneira precária com esses agravos e por desconsiderarem os riscos presentes neste local. Por outro lado, percebemos que o que realmente conta para esses catadores, a curto prazo, é essencialmente permanecer com “saúde” para dar continuidade à sua atividade.

9.3 Estratégias de defesa frente aos perigos

Se o perigo é uma realidade constantemente visível para os catadores do lixão, há que se buscar, então, modos de enfrentá-lo ou mascará-lo. Nesse contexto, a atuação da ideologia defensiva é eficaz a ponto de encobrir qualquer indício de medo no discurso dos trabalhadores.

Dejours (1992) identifica a utilização de defesa coletiva desenvolvida pelos trabalhadores ante as condições adversas referentes à organização do trabalho. Para fins desta pesquisa, assumimos a posição deste autor, que define as estratégias de defesa coletiva como

modos de agir manifestos por meio de mecanismos de minimização e/ou controle do contexto de trabalho causador de conflitos e contradições que produzem sofrimento psíquico e custo à saúde humana.

Para Dejours (1992), as estratégias coletivas vinculam-se com as construções consensuais de um determinado grupo, que o autor denomina de ideologia defensiva. Dessa maneira, esclarece que a ideologia defensiva tem por objetivo ocultar uma ansiedade particularmente grave, advinda de perigos e riscos reais.

Autores como Porto *et al* (2004), também nos dão pistas de uma crescente resistência quanto aos problemas enfrentados pelos trabalhadores que manipulam o lixo em aterros e lixões, contrariando as expectativas para um ambiente tão insalubre. Segundo eles, a explicação desse fato reside na capacidade adaptativa desses trabalhadores, os quais possuem uma média elevada de dez anos de trabalho nestes ambientes no trato com o lixo.

Com referência ao processo e ambiência de catação, os relatos sobre o perigo e o medo seguem no sentido da minimização, negação ou inversão das sensações como formas de lidar com a possibilidade real de infortúnios, e, como não poderia deixar de ser, ela se fez presente nas seguintes falas dos catadores:

(...) aqui as pessoas só se cortam com caco de vidro, como você tá vendo. Mas num é nada demais, acho que num dá tanto problema, né? Quando alguém se corta, ele vai e, bota cachaça em cima e, a ferida num infecciona, se infeccionar, ele vai no posto e, lá eles dão antibiótico, depois, já tá pronto é pra outra. (Carlos, catador há três anos).

Num tem perigo não, se o sujeito já for vacinado contra tétano, se ele se cuida, se alimenta com sustança, já tá pronto pra se defrontar com o serviço (...), mas, tem que vê também, se ele é aseado, se toma banho direitinho em casa, se lava as parte mais contaminada. (Dário, catador há onze meses).

Questionado se tinha lavado as mãos antes de almoçar, certo catador, respondeu da seguinte forma:

Para quê essa estória de lavar as mãos? Nós aqui já tamo tudo é calejado,

meu irmão. Conhece aquele ditado, que diz que aquilo que num mata deixa o cara mais forte? Então, é isso aí meu irmão (...) conheço gente que já pegou diarreia, vez por outra, acontece com a gente também (...) mas, tem aquele soro caseiro que a televisão ensina, que dá pra curar a diarreia com ele. (Estevão, catador há nove meses).

Tais asserções aparecem de modo marcante nas falas da maioria dos homens entrevistados, quase sempre relatados na terceira pessoa, como se o problema não lhes pertencesse. Essa estratégia de defesa é deveras importante para esses trabalhadores, uma vez que transferem para os colegas a possibilidade de contaminar-se com o lixo.

De um modo geral, todavia, observamos que a subjetividade dos informantes em seus relatos era, de certo modo, afetada por algumas emoções como medo e preocupação, embora, estas emoções fossem sobrepujadas no dia-a-dia em prol da necessidade de sobrevivência.

Questionados se a catação de lixo poderia lhes acarretar danos à saúde, os catadores foram veementes em responder:

(...) Precisa escapar, né, fazer o que? A gente tem que contar só com as força da gente, casquerando, dando o duro pra garantir o pão, né? As vez bate um medo (...) pois desde que eu vim pra cá, há uns sete anos, já vi muita gente adoecendo (...) (Bento, catador há sete anos).

Eu me preocupo, num sabe, quando aproveito e levo resto de comida pra casa, tenho medo de meus filhos adoecer (...) é como uma tentação, a gente vê ali a comida ali dando sopa e, se pergunta se num vai fazer mal, mesmo assim, a gente acaba se arriscando e levando pros filhos em casa, mesmo que venha adoecer. (Ana, catadora, há seis anos).

Indagados se preferiam continuar arriscando-se nesse tipo de ocupação, responderam da maneira pensativa:

Sim, eu prefiro continuar catando do que ficar desempregado lá fora, de cara pra cima (...) eu acredito que tendo em fé em Deus, nada de mal vai acontecer comigo, se eu já estou todo esse tempo aqui, é por que Deus reservou essa lida pra mim (...) Tem aquela estória, que duma coisa ruim a gente faz uma coisa boa, num sabe? E é o que eu tenho feito até agora. (Bento, catador há sete anos).

Dá uma aperreção no juízo da gente, mas, só confio em Deus, para que nada de ruim aconteça comigo(..) participo de novena em época de semana santa e no natal pra mode nos afastar do maligno (...) se for da vontade Dele, não vai deixar a gente morrer por conta desse serviço. (Ana, catadora, há seis anos).

Se para estes informantes, a tribulações e o desamparo diante dos perigos enfrentados são atribuídos aos desígnios da divindade ou à má sina, não lhe resta outra solução senão confiar nesta mesma divindade que os entregou a esta sorte e contar com a própria criatividade como uma saída útil para driblar a insegurança pessoal.

Essas falas revelaram, portanto, o importante papel que a emotividade desempenha sobre a percepção do risco dos sujeitos, uma vez que esta os influencia a desencadear ações intencionais que levam em conta as vantagens e desvantagens oferecidas em seu ambiente de trabalho, bem como a optar ou não por desconsiderar os riscos do qual tomam consciência.

Por essa via, o sitio da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) comenta que, para alguém se submeter a uma situação de risco, é preciso que haja “um equilíbrio sutil entre as emoções (medo), as ações e a confiança, que podem ser vistas como variáveis colocadas em uma gangorra; a confiança seria o ponto de apoio e as ações e o medo ficariam equilibrados nos lados opostos”. (OPAS, 2005, p. 6).

Conforme os relatos já citados, percebeu-se também que as reações individuais e coletivas dos catadores diante do risco costumam ser influenciadas por um viés otimista também conhecido como otimismo irreal, que procura relativizar o risco e o medo, utilizando-se de estratégias de defesa.

As pessoas tendem a ser particularmente resistentes à idéia de que se encontram em risco diante de um perigo. A maioria das pessoas considera que se encontra diante de um perigo menor que a média dos outros, e que tem menor possibilidade de morrer de um ataque cardíaco, de se queimar ou de se tornar viciado em drogas. Dessa forma, a pessoa passa a se sentir

infalível. Por exemplo, quase todo mundo acha que dirige melhor ou que tem menos probabilidade de vir a ter um câncer do que a média das outras pessoas. Este otimismo irreal baseia-se na informação disponível e em um raciocínio que leva a pessoa a pensar que o perigo não é uma ameaça verdadeira, mesmo que afete pessoas conhecidas. Isto influi na reação diante do perigo. A mensagem ‘isto também inclui você’ é mais difícil de comunicar que ‘muitas pessoas morrerão’. (OPAS, 2005, p. 2).

Muitas dessas estratégias são também elaboradas em resposta ao sofrimento de cada indivíduo, e, geralmente, têm bases na trajetória de vida pessoal ainda não tocada de maneira profunda pelo adoecimento físico.

Não sei se uma coisa mais séria vai acontecer comigo (...) até agora, graças a Deus, resisti com saúde. Mas, as vez, né, pode até pegar a gente disprivinido. Vamo aqui fazer uma comparação: - tem gente que fuma a vida inteira e num tem problema. Assim é o problema de contaminação, meu irmão, tem pessoa que resiste o problema da contaminação daqui, já tem outro que num se dá com ela (...) em toda minha vida lidei com serviço pesado e, tô ai, firme e forte.(Carlos, catador há três anos).

Outra estratégia de defesa bastante utilizada, principalmente pelos catadores masculinos, consiste na exacerbação da virilidade e no desejo de aventurar-se em situações que desafiam o perigo, tal como apontam as falas abaixo:

Pra trabalhar, depende se o cara tiver prevenido (...) se tiver cuidado, num tem problema, mas é como eu estou lhe falando, eu acho que tem pessoa fraca pra lidar com o lixão, aí, pega e passa por cima de tudo e num liga, quando der conta disso, vai tá assim, toda arreventada. (Estevão, catador há nove meses).

Outro enfatiza que,

O cara tem que se aventurar na vida, num tem gente que escala montanha e trabalha em cima de um edifício alto, correndo risco de vida? Acho que isso tá no sangue, essa vontade de mexer com coisa arriscada, de lidar com coisa bruta.(...) eu mesmo, sempre tive atração por coisa perigosa (...) acho que se eu num tivesse vindo parar aqui, nesse lixão, teria sido policial, ia correr atrás de bandido (...) no fundo, tudo é arriscado na vida, a gente num tem muita escolha não nessa vida. (Dário, catador há onze meses).

Em outro depoimento, notamos certo indício de machismo por parte de um catador:

Num sei porquê ainda vem mulher pra cá. É só pra sofrer, melhor se tivesse cuidando das coisa de casa (...) Num deixo minha mulher vim pra cá de jeito nenhum, elas num tem força como nós, homem. Se tem mulher casquerando aqui é por quê elas tão se encostando em alguém, uma amiga, um parente, sei lá (..) muitas delas, sozinha, num suporta o rojão daqui. (Carlos, catador há três anos)

O raciocínio revelador destas declarações é bastante primário: perigosa ou não, a catação precisa ser realizada, pois, não sendo desempenhada, poderia incorrer na possibilidade da perda do meio de sobrevivência; por essa via, a ampliação do medo é evitada pelos catadores, ocultando-se por trás da sua virilidade e do “comportamento de macho”, que não teme os desafios, operando assim como um modo coletivo de proteção contra o medo (Dejours, 1992).

Em contrapartida, Lima (2005) explana que alguns indivíduos se sentem mais seguros por espelharem atitudes que refletem um certo grau de conhecimento sobre o risco, seja em virtude da sua formação educacional ou por uma vivência atenta à segurança pessoal. Esse tipo de atitude foi por nós percebida em dois dos cinco catadores entrevistados, conforme segue,

Quem casquera por aqui, carece de muita precisão no que faz, pois, ‘segurança’ mesmo é a gente trabaia apurado, se desviando de desastre (...) num tem garantia de hospital, se a caçamba da prefeitura ferir um de nós (...) a pessoa tem que casquerar com muita atenção. (Bento, catador há sete anos)

Num consigo conversar e casquerar ao mesmo tempo, tô acostumada de vê gente distraida enquanto cata, já com o casquerador perto da canela do nêgo (...) eu não, ou me concentro numa coisa ou noutra, se eu desviar minha atenção posso me prejudicá ou prejudicá os outro, foi isso que eu aprendi desde que eu vim pra cá. (Ana, catadora há seis anos)

Como observação final, nos chamaram a atenção os relatos sobre a solidariedade e o companheirismo existente no ambiente de catação, quando aquele com quem se tem um

vínculo de amizade se fere ou se machuca gravemente.

Esta disposição é geralmente expressada nas visitas à casa do ferido, e em alguns casos mais raros, ao hospital, visto que o trabalho lhes ocupa integralmente, na prática da “vaquinha”, rateio feito entre eles para a compra de medicamentos, ou mesmo o costume de tomar conta dos filhos alheios, enquanto alguém recupera a saúde.

As experiências de enfrentamento dos riscos e de solidariedade entre os catadores, descritas anteriormente, concordam portanto com o pensamento de Burton e Kates (1964), para quem as respostas humanas atingem teoricamente todos os meios e argumentos para minimizar os efeitos dos riscos. Para esses autores, muitas pessoas conseguem sobreviver ou trabalhar em áreas perigosas, graças à capacidade de enfrentar o problema mediante etapas de ajustamento relacionadas à percepção e ao conhecimento que se tem do risco e da capacidade de tolerância.

Assim, na medida em que modificam o seu próprio comportamento, suas próprias atitudes e modo de ser, estes catadores vão se tornando mais tolerantes ou menos tolerantes dos riscos a que se expõem, reagindo da maneira que lhes for mais conveniente ou que lhes permita maior adaptação a estes riscos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o método de observação livre, totalizando seis visitas ao campo de pesquisa com uma duração média de oito horas por dia, sendo que uma dessas visitas foi realizada exclusivamente para fins exploratórios, estudamos a dinâmica ocupacional dos catadores na rampa do Jangurussu e pudemos nos inteirar sobre como acontece esta atividade.

Observamos seus gestos, ouvimos suas explicações, conhecemos e acompanhamos suas rotinas de trabalho em períodos calmos ou tumultuados, desde o momento em que preparavam os seus equipamentos e instrumentos de trabalho, a ocasião da coleta até a revenda aos representantes dos donos de depósito de sucatas.

Em todo este processo pudemos, constatar a complexidade de sua tarefa e o alto grau de periculosidade e insalubridade que esta envolve. Os resultados apontam, portanto, para uma rotina extenuante no ambiente do lixão em consonância com os achados de estudos nacionais sobre a temática e com a experiência de pobreza que o sujeito do estudo vivencia em sua comunidade.

Os dados revelaram uma situação de extrema penúria, indicadora da necessidade de se desenvolverem ações de recuperação social que possam abarcar aqueles que se dedicam a esse trabalho. A partir do acompanhamento da sua atividade e das falas registradas durante nossa ida ao campo, foi possível também fazer algumas generalizações, que passamos a relatar a seguir.

De maneira geral, os informantes entrevistados apresentarem opiniões distintas, caracterizadas tanto por um caráter de preocupação quanto de indisfarçável indiferença em relação aos riscos presentes no espaço do lixão.

Alguns participantes tinham plena consciência da existência dos perigos naturais e artificiais subjacentes ao seu ambiente ocupacional, em contrapartida, outros não demonstraram bom nível de informação sobre as possíveis conseqüências que a catação de lixo pode trazer à sua saúde, não transparecendo em seus discursos preocupação com as possíveis adversidades e os efeitos a curto e longo prazo que esta atividade possa lhes acarretar.

Foi possível vislumbrar uma postura fatalista, mais ou menos generalizada entre os informantes, a de que, “ninguém empata uma coisa ruim de acontecer”, em face dos possíveis agravos que podem ocorrer, implicando na aceitação do perigo e da impossibilidade de mitigar os seus efeitos.

Em razão do lixo ser visto como fonte primária de sobrevivência, e a saúde uma condição indispensável para o trabalho, constatamos nos discursos dos catadores, a evidente utilização de estratégias defensivas face os riscos presentes em seu ambiente ocupacional. As estratégias mais comuns foram a minimização, a negação, a dissimulação e compensação dos danos que já sofreram, sofrem ou ainda poderão sofrer no ambiente do lixão.

Verificamos, também, que os conhecimentos que os informantes possuem dos riscos evidenciados, muitas vezes, não guardam nenhuma relação com os seus agentes causadores. As informações sobre os efeitos adversos decorrentes da catação do lixo são, sobretudo, oriundas da experiência pessoal, da observação dos colegas de trabalho e dos relatos dos casos vivenciados por amigos ou conhecidos, nos quais os eventos de adoecimento acarretaram sintomas graves.

Acima de tudo, observamos que este modo de trabalho vai aos poucos minando a questão da segurança, pela banalização de falhas consideradas menores, que reforçadas pela utilização de estratégias de defesa, transforma as falhas visíveis em invisíveis, fazendo com

que os catadores naturalizem as ameaças existentes nesse contexto.

O contexto ocupacional que envolve a catação de lixo evidenciou, também, a carência de direitos trabalhistas e previdenciários dos que ali labutam. Comprovamos que os sujeitos do estudo estão, assim, enlaçados numa violenta trama de exclusão social que os mantém numa situação-limite de sobrevivência, que neles enseja um crescente senso de culpa por não estar desenvolvendo outra ocupação.

Notamos também, durante as entrevistas com os informantes, que a atividade do lixo se configura como um processo de trabalho precário ao qual estes indivíduos não se identificam, uma vez que afirmam ser esta uma atividade dura e humilhante, permanecendo ali somente por não terem uma oportunidade laboral que condiga com a sua realidade social e econômica.

Faltam ainda, no Brasil, estudos mais sistemáticos sobre alguns problemas que estes trabalhadores enfrentam, como por exemplo, o comparecimento de catadoras grávidas neste ambiente ocupacional insalubre. Em nossas anotações registramos a presença de pelo menos uma gestante, o que nos remete ao estímulo a novas pesquisas e estudos.

Salientamos que a ausência de registros do problema, nos serviços municipal e estadual de saúde, também contribui para reduzir as chances de prevenção da contaminação crônica experimentada por esses indivíduos, e que, em muitos casos, nem é percebida como tal.

Não devemos esquecer que algumas políticas focais, via assistencialismo social sob um discurso neutro de não-intervenção sobre as causas da pobreza, tal como a sua inserção no programa Bolsa-Família, apenas reforçam a segregação desse grupo, uma vez que a questão central da saúde da qualidade de vida dele fica relegada a segundo plano.

Reconhecemos, porém, que num período recente, os catadores de lixões nem

mesmo podiam contar com algum apoio do Poder Público, uma vez que qualquer iniciativa nesse sentido poderia ser vista como incentivo a sua permanência nestes locais.

Atualmente, a atividade dos catadores têm sido amplamente discutida nos meios de comunicação, melhorando sensivelmente a visão que o Poder Público e a população têm sobre este grupo. Embora persista o preconceito contra a atividade, muitos deles passaram a ser vistos como prestando um serviço social e ambiental de inestimável importância, pois sem eles, todo o lixo produzido na cidade estaria sofrendo acúmulo nos lixões, aumentando a poluição atmosférica, dos rios e da própria terra.

Por essa via, ressaltamos, ainda, a necessidade de se desenvolverem ações educacionais e sanitárias apropriadas ao perfil e aos comportamentos da população em estudo relacionadas aos riscos decorrentes da catação de lixo.

Nesse sentido, sugerimos a adoção de mecanismos e práticas que norteiem as políticas públicas de redução de danos visando à integridade física e psicossocial dessas pessoas tais como Educação em saúde, através de palestras, cartazes ou folhetos informativos e motivadores, abordando assuntos como; prevenção de acidentes de trabalho; educação em primeiros socorros; prevenção em doenças crônico-degenerativas; DST/AIDS; higiene pessoal e lazer.

Estas medidas incluem ainda, além da orientação e informação preventiva, a provisão de EPI's (equipamentos de proteção individual) e a inserção de ações primárias de saúde na criação de serviços de assistência a essa população, tais como a implantação de uma unidade de saúde em caráter permanente no Lixão do Jangurussu e imunização para todos os trabalhadores que tiram dele o seu sustento e dos moradores que vivem perto deste lixão, sobretudo, por ser um ambiente que repercute de forma extremamente negativa na saúde das pessoas e no seu entorno.

Outra possibilidade de atendimento a estas pessoas seria a abertura de linhas de crédito (microcrédito) para poderem iniciar um pequeno negócio doméstico, ou mesmo, poderem empregá-las na compra de material de apoio à sua atividade de catação, tais como carrinhos-de-mão, pás, luvas, etc.

Desse modo, a nova concepção de saúde identifica-se com o bem-estar e qualidade de vida, e não apenas com a ausência de doenças ou de riscos. A saúde, assim, não está circunscrita apenas ao âmbito corporal ou ambiental, mas também do bem-viver, produzido econômica e socialmente.

Proporcionar saúde a essas pessoas significa muito mais que lhes conceder meios elementares de evitar acidentes, doenças ou estender a vida, mas sim lhes assegurar situações que favoreçam a aquisição de condições dignas e a manutenção da qualidade de vida entre esta população.

De fato, colocamos em relevo a realidade dos perigos cotidianamente enfrentados pelos catadores do Lixão do Jangurussu, na tentativa de chamar a atenção do Poder Municipal e Estadual para esta atividade tão dura, que é a ocupação do catador em lixões, bem como esperamos com ansiedade a intervenção das instituições responsáveis e da sociedade civil para reconhecerem esta ocupação e proporem melhorias nas condições de vida desses trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. de F. (2001). **Do lixo à cidadania**: estratégias para a ação. Brasília: Caixa econômica Federal.
- Augé, M. (1994). **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. (3. ed.). Campinas: Papirus.
- Barbier, R. (2004). **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro.
- Bauer, M. W; Gaskell, G. e Allum, N. C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In M. W. Bauer e G. Gaskell, **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático.(p.19-36). Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (2005). **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brasil. (1996). Resolução nº 196/96 D. O. U. 10/10/96- Código de Ética. **Informe Epidemiológico do SUS**, 5, (3), Brasília, jul./set. 67-85.
- Buarque, C. (2001). **Admirável Mundo Atual** - Dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial.
- Burillo, F. J. e Arragonés, J. I. (1991). **Introducion a la psicologia ambiental**. Madrid: Alianza.
- Bursztyn, M. (2000). **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de. Janeiro: Garamond.
- Burton, I. e Kates, R. W. (1964). The perception of natural hazards in resource management. **Natural Recources Journal**, 3, 412-441.
- Calderoni, S. (1997). **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas.
- Castiel, L. (2003). Dédalo e os Dédalos: identidade cultural e subjetividade e os riscos à saúde. In D. Czeresnia e C. Freitas (Orgs.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendências. (p.79-93). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Dejours, C. (1992). **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1999). **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- Donegana, D. (1995). **Eles, os excluídos**. São Paulo: Cidade Nova.
- Duarte, F. e Vidal, M. C. (2000). Uma abordagem ergonômica da confiabilidade e a noção de modo degradado de funcionamento. In: C. M. Freitas; M. F. de S. Porto e J. M. H. Machado, (Orgs.). **Acidentes industriais ampliados**: desafios e perspectivas para o controle e a prevenção. (p.178-201). Rio de Janeiro: Fiocruz.

- Eigenheer, E. (1997). **Lixo e vanitas**: considerações de um observador de resíduos. 1997. Tese Doutorado. Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense/UFF. Rio de Janeiro.
- Eigenheer, M. E. (1993). Lixo e desperdício. In Eigenheer, M. (Org.). **Raízes do desperdício**. (p.23-30). Rio de Janeiro.
- Escorel, S. (1999). Exclusão social: em busca de uma categoria. In S. Escorel. **Vidas ao léu**: trajetórias de exclusão social. (p.33-58). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Fadini, P. S. e Fadini A. A. B. (2001). Lixo: desafios e compromissos. **Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola**, 1, 9-18. Edição Especial.
- Ferreira, J. A. e Anjos L. A. dos. (2001). Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de saúde Pública**, 17, (3), 689-696.
- Figueiredo, P. J. M. (1995). **A sociedade do lixo**: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental. Piracicaba: UNIMEP.
- Gesser, M. e Zeni, A. L. B. (2004). A educação como uma possibilidade de promover cidadania aos catadores de materiais recicláveis. In **Anais do 2º Congresso de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Belo Horizonte: FURB.
- Gonçalves, R. (2005). Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. **Serviço Social e Sociedade**, 82, (65), 87-109.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2005). **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 7 nov. 2005.
- IPT/CEMPRE. (2000). **Lixo municipal**: manual de gerenciamento integrado. São Paulo: CEMPRE.
- Juncá, D. C. de M. (2001). Vida de cata-dor: outras palavras sobre o lixo. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 193, p. 61-68.
- Lakatos, E.M. e Marconi, M. A. (1986). **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas.
- Laurell, A. C. e Noriega, M. (1989). **Processos de produção e saúde**: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Ática.
- Lieber, R. R. e Romano-Lieber, N. S. (2002). O conceito de risco: Janus reinventado. In: M. C. de S. Minayo e A. C. de M. Miranda (Orgs.). **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. (p.69-112). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Lima e Silva, P. P.; Guerra, A. J. T. e Mousinho, P. (1999). **Dicionário brasileiro de ciências ambientais**. Rio de Janeiro: Thex.
- Lima, M. L. (2005). Percepção de riscos ambientais. In: L. Socza, (Org.). **Contextos humanos e psicologia ambiental**. (p.202-249). Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian.
- Lima, S. C. e Ribeiro, T. F. (2000). A coleta seletiva de lixo domiciliar: estudos de casos.

Caminhos de Geografia, 2, 50-69.

- Lutzenberger, J. (2004). **Manual de ecologia: do jardim ao poder.** (Vol 1). Porto Alegre: LP&M.
- Marandola, J. R. e Hogan, D. J. (2004). O risco em perspectiva: tendências e abordagens. In **Anais do 2º Encontro Da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, Indaiatuba, 2004, Indaiatuba: ANPPAS.
- Medina M. (2004). Oito mitos sobre a reciclagem informal na América Latina. **Revista do Banco Interamericano de Desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.iadb.org/>>. Acesso em: 9 out. 2005.
- Minayo, M. C. de S. (1994). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Navarro, M. B. M. de A. e Cardoso, T. A. de O. (2005). Percepção de risco e cognição: reflexões sobre a sociedade de risco. **Ciências & Cognição, 6, (2)**, Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em 15 Jan. 2006.
- Nunesmaia. M. de F. (2002). A gestão de resíduos urbanos e suas limitações. **Tecbahia-SSA, 17, (1)**, 120-12.
- OPAS. Organização Panamericana de Saúde (2005). **Curso de auto-aprendizagem: Comunicação de riscos.** Disponível em: <<http://www.opas.org>>. Acesso em: 12 dez. 2005.
- Pastoral do Povo de Rua. (2003). **Vida e Missão.** São Paulo: Loyola.
- Paugam, S. (1999). O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In Bader Sawaia (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da injustiça social.** (p.72-81). Petrópolis: Vozes.
- Peres, F. (2002). Onde mora o perigo? Percepção de riscos, ambiente e saúde. In M. C. de S. Minayo e A. C. de M. Miranda (Orgs.). **Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós.** (p.131-145). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Pinheiro, J. Q. (2003). Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI. Sustentável? In O. H. Yamamoto e V. V. Gouveia (Orgs.), **Construindo a Psicologia brasileira: desafios da ciência e da prática psicológica.** (p. 279-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Porto, M. F. de S.; Juncá, D. C. de M.; Goncalves, R. de S e Filhote M. I. de F. (2004). Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública, 20, (6)**, 1503-1514.
- Porto M. F. de S. (2000). **Análise de riscos nos locais de trabalho.** Fundacentro-INST/ CUT, São Paulo.
- Raymundo, C. M ; Asmus, C. I. R. F. e Barker, S. L. (2002). O processo saúde, doença e trabalho infanto-juvenil em lixões. In **Anais do 2º Congresso de Adolescência do Cone Sul**, Porto Alegre, 2002, Porto Alegre.

- Rigotto, R. (2002). Produção, consumo, saúde e ambiente. In M. C. de S. Minayo e A. C. de M. Miranda (Orgs.). **Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós.** (p.233-260). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Santos, J. B. F dos. (1990). **As condições de trabalho e as suas repercussões na vida e na saúde dos catadores de lixo do aterro sanitário do Jangurussu.** Relatório de pesquisa, SINE/CE, Fortaleza.
- Schmitt, J. C. (1990). A história dos marginais. In J. Le Goff. **A história nova.** (p.261-290). São Paulo: Martins Fontes.
- Serra, A. L.; Rodrigues M. A. (2002). Vulnerabilidade em área de risco ambiental: o caso da ocupação do “Lixão da Pirelli”. In **Anais do 13º Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Ouro Preto, 2002, Ouro Preto.
- Slovic, P.; Fischhoff, B. e Lichtenstein, S. (1980). Perceived risk and quantitative safety goals for nuclear power. **Transactions of the American Nuclear Society**, (35), 400-401.
- Spink, M. J. P. (2001). Os contornos dos riscos na modernidade reflexiva: considerações a partir da psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, 17, (6), 1277-1311.
- Thomas, J. R e Nelson, J.K. (2002). **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre, Artes Médicas.
- Trigueiro, A. (2005). **Mundo sustentável.** São Paulo: Globo.
- Velloso, M. P.; Santos, E. M. e Anjos, L. (1997). Processo de trabalho dos coletores de lixo no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, 13, 693-700.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Termo de consentimento livre e esclarecido (modelo), o participante deverá preencher o termo.

I. TERMO DE CONSENTIMENTO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome: _____

3) Documento de Identidade Nº _____ Sexo: M() F()

Endereço _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Cep: _____

Contato: (085) _____

II. ESCLARECIMENTOS

Sou mestrando do curso de Mestrado de Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a percepção entre os catadores do Lixão do Jangurussu acerca dos riscos à saúde. Deste modo, pelo presente instrumento que atende às exigências legais, venho solicitar sua colaboração para participar da pesquisa proposta.

Esclareço que

1. As informações coletadas somente por meio de _____ (entrevistas, questionários, formulários, oficinas de grupo etc) somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa.
2. Que o senhor (a) tem liberdade de desistir a qualquer momento de participar da pesquisa;
3. Também esclareço que as informações ficarão em sigilo e que seu anonimato será preservado.
4. Em nenhum momento o senhor (a) terá prejuízo no seu tratamento e financeiro.

Em caso de esclarecimento, entrar em contato com o pesquisador e também responsável no endereço e telefone abaixo:

Nome:

Endereço:

Telefone:

Informo-o também, de que sua participação será de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

III. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____

Assinatura de entrevistado

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE 2

I. FOTOGRAFIAS

Foto 1: Visão parcial da rampa ou “Lixão do Jangurussu”



Foto 2: Um dia típico de catação de lixo



Foto 3: A placa adverte: “Perigo – Risco de acidente - Ato de manobra”



Foto 4: Catadores arriscam-se ao se aproximarem da máquina compactadora



Foto 5: Foco de incêndio no lixão



Foto 6: Dividindo o lixo com os animais



Foto 7: O uso de roupas sobrepostas ajuda a proteger contra objetos perfuro-cortantes



Foto 8: Catadora idosa pronta para “casqueirar” em meio ao lixo



Foto 9: O ato contínuo de carregar peso excessivo prejudica a saúde dos catadores



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)